

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

AMANDA CALDAS FERREIRA

ENTRE A FICÇÃO E O REAL:
Representações do assassinato na Era Vitoriana

Uberlândia

2023

AMANDA CALDAS FERREIRA

ENTRE A FICÇÃO E O REAL:

Representações do assassinato na Era vitoriana

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em História.

Orientador: Prof. Dr. Lainister de Oliveira Esteves

Uberlândia

2023

AMANDA CALDAS FERREIRA

ENTRE A FICÇÃO E O REAL:

Representações do assassinato na Era vitoriana

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de História da Universidade Federal
de Uberlândia como requisito parcial para
obtenção do título de bacharel em História.

Uberlândia, 2023

Banca examinadora:

Prof. Dr. Lainister de Oliveira Esteves (orientador) – INHIS/UFU

Prof. Dra. Ana Flávia Cernic Ramos – INHIS/UFU

Prof. Dr. Cleber Vinicius do Amaral Felipe - INHIS/UFU

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, Lainister de Oliveira Esteves, que, com seu apoio, paciência e orientação em meio a tantas leituras e ideias entusiasmadas, fez desta uma experiência inspiradora para mim.

Agradeço à minha mãe Fabíola e ao meu namorado Tulio que por incontáveis vezes leram e releram o meu trabalho para me ajudarem com a correção e opinando sobre a clareza do meu TCC.

Agradeço, também, ao meu cachorro, Mancha, que durante a pandemia, período em que este TCC foi escrito, me ajudou, como ninguém, a manter a saúde mental e emocional.

Por último, agradeço a todos os professores do curso, por sua dedicação, conhecimento e incentivo, em especial, à coordenadora Daniela Magalhães da Silveira que com paciência me orientou em todas as dúvidas, principalmente, nos momentos finais do curso.

RESUMO

O intuito deste TCC é analisar os tipos jornalísticos e literários de representação da criminalidade na chamada “Era vitoriana”. Para isso, dois contos de Conan Doyle serão analisados devido a sua importância e o destaque de uma das personagens mais prósperas da literatura, Sherlock Holmes: “A caixa de papelão” e “O Polegar do Engenheiro”. Já para análise jornalística, o *The Illustrated Police News* (1864 – 1938) será contemplado. Esta publicação semanal trazia reproduções de crimes macabros, com descrições realistas acompanhadas de vívidas ilustrações. Esta análise comparativa possibilitará pensar a formação de um gênero literário específico: o romance policial.

Palavras-chave: representações; assassinato; jornais; literatura.

ABSTRACT

The purpose of this TCC is to analyze the journalistic and literary types of representation of criminality in the "Victorian Age". For this, two short tales by Conan Doyle will be analyzed due to their importance and the importance of one of the most successful characters in literature: Sherlock Holmes, "The Adventure of the Cardboard Box " and "The Adventure of the Engineer's Thumb". For journalistic analysis, The Illustrated Police News (1864 - 1938) will be contemplated. This weekly publication featured reproductions of macabre crimes, with realistic descriptions accompanied by vivid illustrations. This comparative analysis will make it possible to think about the formation of a specific literary genre: the detective novel.

Keywords: representations; murder; newspapers; literature.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
Capítulo 1.....	10
1.1 Sensacionalismo: construção de memórias infames	12
1.2 Crime Histórico	18
1.3 Mary Ann Cotton	20
1.4 Jack, the Ripper	25
1.5 À sombra de Jack	32
1.6 Edward William Pritchard	33
2. Capítulo 2	35
2.1 Literatura gótica	35
2.2 Uma breve reflexão sobre o romance policial	37
2.3 O ilustre Sherlock Holmes	40
2.4 A caixa de papelão	46
2.5 O Polegar do Engenheiro	50
CONCLUSÃO	53
REFERÊNCIAS	56

INTRODUÇÃO

Este TCC é resultado da pesquisa desenvolvida ao longo da graduação a respeito das representações do assassinato na literatura e nos jornais durante a chamada “Era vitoriana”. Serão usadas as seguintes fontes: o jornal *The Illustrated Police News* e dois contos presentes na obra de Arthur Conan Doyle: “O polegar do engenheiro” e “A caixa de papelão”. O sensacionalismo presente no periódico o tornou uma opção viável para análise, uma vez que suas ilustrações polêmicas chamavam a atenção e suas edições chegaram a ser, em determinado momento, as mais vendidas. Os temas presentes nas publicações são variados, passando por assuntos sobrenaturais a assassinatos, o que pode nos dizer muito sobre o gosto dos ingleses da segunda metade do XIX e da primeira metade do XX, anos em que este jornal esteve em circulação: 1864 – 1938.

O trabalho será dividido em dois capítulos, o primeiro será sobre o jornal *The Illustrated Police News* e discutirá três casos selecionados de assassinos em série: Jack, the Ripper, Mary Ann Cotton e o misterioso caso do Assassino do Torso do Tâmis. No entanto, antes de investigarmos como estes casos foram representados nas páginas do *Illustrated Police News*, será realizada a análise de alguns aspectos necessários para a compreensão da pesquisa e a sua trajetória. Após a apresentação sobre os usos e citações acerca do jornal em trabalhos de pesquisadores de diferentes áreas, abordaremos o sensacionalismo, compreendendo a categoria criminal nos jornais como uma forma comercializável de entretenimento. Perceber como uma narrativa sensacionalista é construída, observando a parte gráfica e a seleção proposital de palavras apelativas esclarecerá qual é o caráter real de sensacionalismo na nossa fonte jornalística.

Pensar o assassinato em série como um crime histórico contribuirá para a desmistificação de ideias como a de que Jack é o primeiro assassino em série e de que este tipo de crime é um fenômeno moderno. Para isso, faremos um panorama histórico discutindo esse modelo de crime, além da discussão que será estabelecida sobre como a imprensa explora as sensibilidades. A presença de mulheres nessa categoria criminosa será discutida com o caso de Mary Ann Cotton, apontando como não há uma discussão tão ampla sobre essas mulheres e seus crimes. Uma comparação com notícias publicadas em outros jornais será feita para reforçar o argumento sobre o sensacionalismo presente no *Illustrated Police News* e como este é executado.

Nos anos finais do século XIX surgiu uma personagem que se tornaria um marco na história da literatura e viria a ser uma das personalidades mais conhecidas do mundo: Sherlock Holmes. O segundo capítulo versará sobre as representações literárias do assassinato na Inglaterra vitoriana, contemplando dois contos que envolvem o detetive mais famoso de todos os tempos: “O Polegar do Engenheiro” e “A caixa de papelão”. Por mais que Holmes seja tão conhecido e aclamado, ainda assim admitiremos um espaço para dissertar unicamente sobre a sua trajetória, características, personalidade e sobre as primeiras aparições de suas peripécias na imprensa. Porém, este não será o primeiro tópico a ser debatido no segundo capítulo.

O romance policial tem sua origem recorrentemente atribuída a Edgar Allan Poe e desperta o interesse dos leitores desde o século XIX. Para compreender melhor elementos que cooperaram para o surgimento do gênero policial discutiremos aspectos históricos da literatura gótica que estiveram neste processo. Particularidades sobre o romance policial também serão discutidas em um tópico dedicado a compreender suas influências históricas e a lógica deste tipo de narrativa. Por último, a análise dos dois contos selecionados será realizada, afinal, em um momento histórico envolto de criminosos que vieram a se tornar celebridades, teria sido a narrativa de Conan Doyle capaz de distanciar-se de tais horrores, ou, teriam essas ansiedades sido representadas nas histórias?

Capítulo 1

No século XIX era comum encontrar alguns jornais ilustrados como o *The Illustrated London News* (1842 – 1971) que trazia elegantes gravuras que não ofendiam o gosto público, o *Penny Sunday Times* e o *People's Police Gazette* que eram quase “penny bloods”¹. No entanto, por mais que tenhamos ainda inúmeros exemplos, trataremos aqui de um jornal que é, por vezes, omitido de estudos acadêmicos sobre imprensa popular e que entra em muitas listas que falam sobre revistas baratas do século XIX: o *The Illustrated Police News* (1864 – 1938).

Este periódico foi inspirado nos já citados *The Illustrated London News* e as populares “penny bloods” (também chamadas de “penny dreadfuls”), e mostrou que jornais com ilustrações podiam alcançar volumosas vendas trazendo notícias sobre ocorrências bizarras, passando por aparições fantasmagóricas, acidentes e desastres, e claro, sua especialidade: crimes macabros. Descrições realistas de crimes brutais eram acompanhadas de vívidas ilustrações. O *Illustrated Police News* tinha mais circulação que qualquer outro periódico da época devido ao realce gore² em suas publicações, alcançando assim um grande público com uma circulação de cerca de 175 mil cópias por semana, com vendas concentradas em Manchester, Liverpool e Birmingham.

Este jornal já foi analisado em alguns trabalhos e algumas obras para falar sobre crimes. Algumas obras que analisam o *The Illustrated Police News* são: *Serial Killers: Anatomia do mal*³ (do autor Harold Schechter), *Representations of Crime, Justice, and Punishment in the Popular Press: A Study of the Illustrated Police News*⁴ (de Alice Louise Smalley), o estudo da escritora Linda Stratmann, *The Illustrated Police News: the shocks, scandals & sensations of the week 1864 – 1938*⁵ e a obra mais recente: *Crimes Vitorianos Macabros*⁶ (dos autores Neil R.A. Bell, Trevor Bond, Kate Clarke e M.W. Oldridge).

1 Subgênero literário publicado semanal ou mensalmente entre as décadas de 1830 e 1840. Essas narrativas representavam a cidade como um local governado pelo submundo do crime e ocupado por vilões, assim, a penny blood representa o horror pela cidade e reflete algumas das angustias presentes na sociedade vitoriana. A classe trabalhadora era a maior consumidora desta literatura, portanto, estas narrativas eram vistas como baratas e de mau gosto pela classe média, uma vez que recorria a uma escrita sanguinolenta e era altamente comercializável, por isso o nome “penny blood”: “penny” faz referência ao valor baixo e “blood”, que significa sangue em inglês, referencia o conteúdo.

2 O termo caracteriza um subgênero do cinema de terror com características violentas, com sangue e mutilações. Aqui, refere-se a ilustrações publicadas com as mesmas características.

3 SCHECHTER, Harold. *Serial Killers – Anatomia da Mal: Entre na Mente dos Psicopatas*. Darkside books. Rio de Janeiro: Crime Scene, 2013.

4 SMALLEY, Alice (2017). *Representations of Crime, Justice, and Punishment in the Popular Press: A Study of the Illustrated Police News, 1864-1938*. PhD thesis. The Open University.

5 STRATMANN, Linda. *The Illustrated Police News: The Shocks, Scandals & Sensations of the Week 1864-1938*. Londres: British Library, 5 dezembro 2019.

6 CLARK, Kate; OLDRIDGE, M. W.; BELL, Neill R.A.; BOND, Trevor. *Crimes Vitorianos Macabros*. Darkside Books. Rio de Janeiro. 2021

A tese desenvolvida por Alice Louise Smalley, por exemplo, analisa a representação do crime, da justiça e da punição na imprensa do século, como anuncia o título de seu trabalho, em especial no periódico *The Illustrated Police News*. A autora afirma que a popularidade e o conteúdo, além do estilo deste periódico, desafiaram a ideia de uma Inglaterra vitoriana rigorosamente determinada pelo ideal de respeitabilidade, ou até mesmo que a cultura popular no final do século XIX e no início do século XX havia sido domada com sucesso⁷. Assim, este estudo colaborará pensar o crime como um elemento cultural desse período.

Já Harold Schechter, em seu trabalho intitulado *Serial Killers: Anatomia do mal* cita o *Illustrated Police News* na introdução, ao apresentar uma imagem do periódico em questão, reforçando as representações sobre o grotesco, o sensacionalismo e as bizarrices presentes em tal publicação.

“A primeira página à esquerda, mostra um sequestrador de crianças que acabou de decapitar uma pequena vítima após atacá-la em uma floresta. A imagem vem de uma publicação londrina do século XIX chamada *Illustrated Police News*”⁸

O trabalho deste autor é focado em explorar os diversos aspectos que envolvem a tipologia do assassino em série, portanto, ele não oferece uma conclusão específica, já que avalia por vários ângulos esse modelo de criminoso. O aspecto que mais nos interessa neste trabalho é a mitificação⁹ de assassinos produzida na imprensa.

Linda Stratmann aborda o *The Illustrated Police News* como objeto específico de estudo. Após a introdução que conta a história do jornal, suas inspirações e seus antecessores (como o *The Illustrated London News*), Stratmann divide seu estudo em 10 capítulos, que investigam, temas como: crimes, mulheres, escândalos públicos, dentre outros. Dessa forma, Stratmann analisa os artigos e as reportagens desse periódico, não se limitando apenas aos assassinatos. O estudo proporciona uma perspectiva geral sobre o gosto de leitura e da vida na Inglaterra do século XIX e também do XX, visto que a publicação do jornal se fixa nos anos 1864 – 1938.¹⁰ O estudo aborda temáticas como assassinatos, acidentes e desastres, roubos, policiais, mulheres,

7 Neste trabalho, a autora analisa quantitativamente e qualitativamente o periódico com amostras em um intervalo de seis anos ao longo de todos os anos de publicação. Assim, Alice Louise Smalley diz na introdução de seu trabalho que a ideia de uma Grã-Bretanha vitoriana moldada de respeitabilidade e bons costumes podem ser confrontadas pelos dados que envolvem o *The Illustrated Police News*, visto que era um jornal de alta circulação e que trazia em sua essência representações grotescas de crimes, por exemplo.

8 SCHECHTER, Harold. *Serial Killers – Anatomia da Mal: Entre na Mente dos Psicopatas*. Darkside books. Rio de Janeiro: Crime Scene, 2013. p. 9

9 Este conceito consiste na construção, na ação ou no efeito de mitificar, de transformar em mito.

10A ideia central da autora a respeito do periódico é sobre ele ser um constituinte da cultura daquela época, representando qual era o gosto e o interesse das pessoas, uma vez que o jornal reproduzia situações já trágicas de forma ainda mais grotesca por meio de suas ilustrações. Porém, como suprarreferido, a autora não se limita apenas aos assassinatos, como será feito neste trabalho, ela faz um panorama para alcançar seu objetivo.

animais, escândalos públicos, entre outros temas, mostra que o *The Illustrated Police News* e pode ser utilizado para pensar o horror, a tragédia e o grotesco no cotidiano inglês.

Um dos objetivos desta pesquisa é analisar as representações¹¹ dos assassinatos no *Illustrated Police News*, crimes ocorridos na chamada “Era vitoriana”. Mas afinal, por que esse período? Expressões do horror são populares neste período, histórias fantasmagóricas tinham muita visibilidade além de outras bizarrices. Alguns eventos como Freak shows, rat-baiting (luta de cães e ratos), demonstrações mesméricas, e, claro, as enigmáticas ruas ensanguentadas do misterioso bairro Whitechapel exemplificam como situações terríveis faziam parte do cotidiano londrino e de suas publicações diárias. Em relação à criminalidade não era diferente. Não nos faltam opções para selecionar: o caso do mais célebre, porém, não mais infame assassino em série: Jack, o Estripador; envenenamentos; assassinatos em série; crimes sem solução e muitos outros.

1.1 – Sensacionalismo: construção de memórias infames

Na segunda metade do século XIX os jornais cresceram rapidamente em número e em circulação, levando em consideração os avanços tecnológicos como a prensa a vapor. O crime já figurava um tema importante nos periódicos no século anterior, no entanto, no XIX a apresentação desses crimes tornou-se mais ordenada e até mesmo normalizada. Para os editores a dimensão física de jornais cresceu e a cobertura do crime não apenas aumentou, mas também foi incorporada às vendas. A categoria criminal nos jornais foi comercializada como uma fonte de entretenimento.

Quando falamos do *The Illustrated Police News*, estamos abordando um dos periódicos que, tal qual os atuais tabloides sensacionalistas, trazia notícias sobre ocorrências bizarras, passando por aparições fantasmagóricas, acidentes e desastres, e claro, sua especialidade: crimes macabros. Descrições realistas de crimes brutais eram acompanhadas de vívidas ilustrações.

Na Inglaterra vitoriana, de acordo Heloisa¹², a expectativa de vida das classes baixas era de apenas 30 anos. Além disso, havia o incessante perigo de se tornar a próxima vítima de assassinos como o célebre Jack, o Estripador e o Assassino do Torso do Tâmesa. Esse ambiente

11 Um dos conceitos-chave da História Cultural francesa utilizando a definição de Roger Chartier que compreende as representações como construções sociais das experiências históricas nas quais pessoas e grupos projetam suas visões de mundo.

12HELOISA, Marcia. (Org.). *Vitorianas Macabras*. São Paulo: DarkSide Books, 2020. p. 323

violento era ideal para que manchetes de jornais fossem estampadas. De forma mórbida o *Illustrated Police News* explorava o apetite do público por conteúdos macabros, chegando a ser considerado o “pior jornal da Inglaterra”¹³, porém, mesmo com esta fama não deixou de ser um dos periódicos com maior circulação e, em determinado momento, o que alcançou mais vendas.

Mas afinal, como se constrói uma narrativa sensacionalista? De acordo com Rosa Nívea Pedroso¹⁴, na imprensa sensacionalista a gramática discursiva arquitetada pelos jornais é caracterizada pela exaltação de modelos e padrões sociais e culturais já consolidados no imaginário social. Encontra-se também a elaboração de um discurso de informação acentuado, exagerado e com uma heterogeneidade gráfica. Além disso, é possível identificar a valorização da emoção em detrimento da informação e a exploração do extraordinário e do vulgar, além da produção discursiva em temas trágicos, eróticos, grotescos, fantásticos e violentos.

Na Inglaterra do século XIX, o sensacionalismo ganhou visibilidade no meio literário, particularmente pelo surgimento do gênero “romance de sensação” que era composto por narrativas chocantes e com reviravoltas. De acordo com Bufalari¹⁵ a obra de Wilkie Collins, *The Woman in White* (1859 – 1860) inaugurou o romance de sensação que se particulariza por ser um subgênero vitoriano com narrativas que transpassam por crimes como identidades falsas e bigamias. Ambientadas em residências inglesas que parecem estar distantes de qualquer suspeita possível, essas narrativas nos introduzem a reviravoltas e surpresas no decorrer da trama.

Em um artigo publicado no periódico *Pall Mall Gazette*¹⁶ dia 23 de novembro de 1886, encontramos uma entrevista com George Purkess, dono do *Illustrated Police News*, realizada após uma votação pública organizada pelo *Pall Mall Gazette*, que elegeu o *IPN*¹⁷ como “o pior jornal da Inglaterra”. O proprietário do *Illustrated Police News* afirmou ter, em sua equipe em Londres, meia dúzia de ilustradores além de artistas *free-lancer* que contabilizavam entre 70 e 100. Ainda ao falar sobre estes artistas, Purkess falou sobre como eram enviados para a cena do

13 <https://www.britishnewspaperarchive.co.uk/viewer/bl/0000098/18861123/002/0002>

14 PEDROSO, Rosa Nívea. A construção do discurso de sedução em um jornal sensacionalista. São Paulo: Annablume, 2001.

Possui graduação em Jornalismo e Letras Português-Inglês pela Universidade Federal de Santa Maria. Possui mestrado em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Trabalha como professora-adjunta no curso de Jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Têm experiência no ensino de Jornalismo com destaque em Teoria da Notícias, Teoria da Reportagem, Teoria da Literatura, Teoria do Jornalismo e Teoria do Sensacionalismo que é a parte que nos interessa neste trabalho.

15 BUFALARI, F. M. **O romance de sensação:** Um estudo sobre *The Woman in White*. Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Letras.

16 Artigo encontrado na coleção do British Newspaper Archive: <https://www.britishnewspaperarchive.co.uk/viewer/bl/0000098/18861123/002/0002>

17 *Illustrated Police News*.

crime ou do acontecimento exótico. Quanto ao título recebido, “o pior jornal da Inglaterra”, não pareceu afetar o editor. Ao comentar críticas de que seu jornal incentivava práticas criminosas, Purkess reconheceu o caráter sensacionalista de suas publicações, no entanto, afirmou que fora as ilustrações tendenciosas, não havia nada nos textos que fundamentasse essas críticas.

Nessa entrevista o proprietário comenta o possível valor educativo do seu jornal. Segundo ele o bizarro explorado no sensacionalismo operaria como um incentivo para os criminosos mudarem de vida, fazendo o possível para evitar que suas imagens fossem estampadas nas páginas do jornal. O caráter grotesco das publicações permaneceu mesmo após a morte de George Purkess em 1892. Percebemos que o que causava polêmica eram as ilustrações, ou seja, as constantes críticas direcionadas ao *Illustrated Police News* falavam sobre as imagens e não necessariamente sobre o texto. O dono do jornal disse que os pareceres consecutivos sobre o jornal eram para suas ilustrações, visto que seu texto era como qualquer outro periódico. Mas como essas imagens afetam tanto a sensibilidade das pessoas? Como esse sensacionalismo popular chega até estas pessoas e as faz consumir este tipo de produto?

No fim do século XIX as mudanças sociais e tecnológicas chegaram a um nível crítico. A industrialização, o crescimento populacional e a urbanização dispararam, além da propagação dos meios de transporte e a explosão de uma cultura de consumo de massa. Teóricos como Georg Simmel, Siegfried Kracauer e Walter Benjamin focaram no que, de acordo com Ben Singer, pode-se chamar de concepção neurológica da modernidade.¹⁸ Estes autores declaram que a modernidade pode ser compreendida como um registro da experiência subjetiva que teria como característica as percepções do ambiente urbano moderno.

Benjamin, Kracauer e Simmel destacam os modos pelos quais essas mudanças alteraram a configuração da experiência. A modernidade configurou um mundo, especialmente o urbano, desalinhado, acelerado, fragmentado que gera uma desorientação no sujeito quando comparado com as fases pretéritas da cultura humana. No meio urbano verifica-se o contato constante com barulhos incessantes, sinais de trânsito, pessoas trombando umas nas outras em meio a aglomerações caóticas além do tráfego e anúncios ininterruptos. Tais agitações desafiaram a sensibilidade dos indivíduos, aumentando os níveis de intensidade, ou seja, a modernidade pode ser caracterizada como um bombardeio de estímulos.

Segundo Simmel, “o rápido agrupamento de imagens em mudança, a descontinuidade acentuada ao alcance de um simples olhar e a imprevisibilidade de impressões impetuosas:

18 SINGER, Ben. Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular. In CHARNEY, Leo e SCHWARTZ, Vanessa. O cinema e a invenção da vida moderna. São Paulo: Cosac & Naify, 2001. pp115-148.

essas são as condições psicológicas criadas pela metrópole. A cada cruzar de rua, com o ritmo e a multiplicidade da vida econômica, ocupacional e social, a cidade cria um contraste profundo com a cidade pequena e a vida rural em relação aos fundamentos sensoriais da vida psíquica.”¹⁹

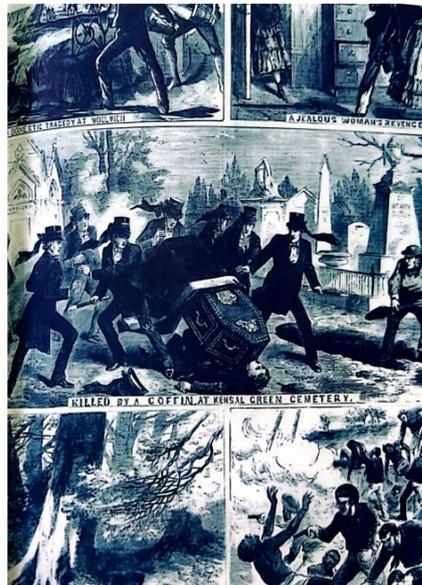
A imprensa ilustrada pode ser considerada um registro peculiar dessa cultura moderna de estímulos sensoriais. Jornais sensacionalistas fizeram parte deste caos social moderno que, em graus diferentes, particularizaram discursos sobre a época. O próprio George Purkess afirmou na entrevista supramencionada que enviava seus artistas assim que tomava conhecimento de algum crime ou um acontecimento violento, macabro, para ser registrado. Percebe-se, portanto, portanto, uma exploração da sensibilidade e do caos urbano. É interessante pensar que essa imprensa sensacionalista atuava não apenas em Londres. No texto de Ben Singer é possível encontrar inúmeros exemplos de periódicos e cartuns que seguiam o mesmo padrão. Ao mesmo tempo, temos um diálogo entre as notícias bizarras no mundo inteiro, como, por exemplo, Estados Unidos e Londres.

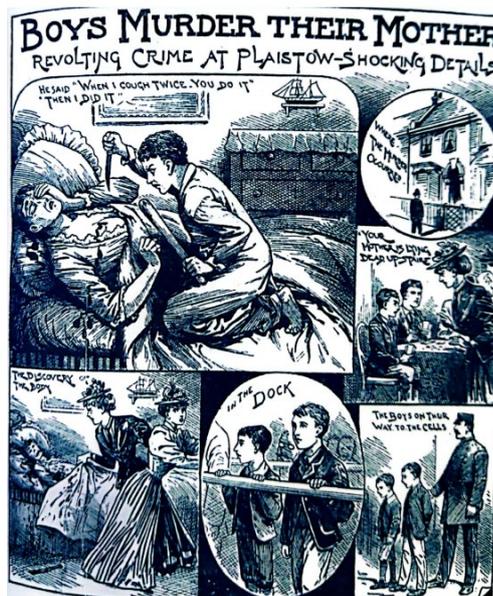
O *Illustrated Police News* não explorava unicamente acontecimentos excêntricos na Inglaterra vitoriana, como é o caso da criança levada por uma águia. Este caso foi mencionado nos jornais dos Estados Unidos em março de 1880 e no mês consecutivo em alguns jornais impressos da Inglaterra como o *Bristol Mercury*, o *Daily Post* e o *Leeds Mercury*. A história era a seguinte: em Person Country na Carolina do Norte (por mais que um relato dê Milton, New City como lugar) uma criança de 3 anos estava sentada em um estilete alimentando algumas galinhas quando uma imensa águia desceu do céu afastando todas as outras aves. Ao tentar fugir a águia agarrou a criança com as suas garras e a levantou. As garras ficaram tão emaranhadas na roupa da criança que a águia não conseguiu se soltar e o peso a fez ir para o chão, e salvo alguns arranhões a criança estava bem. Na Carolina do Norte era comum ver águias e sempre apareciam histórias que envolvessem este animal, algumas que chegavam a se tornar lendas. Na imprensa sempre havia relatos de animais de estimação e de pequenas crianças levadas por este pássaro, no entanto, não há realmente uma confirmação de que algo do tipo chegou a acontecer.

O *Illustrated Police News* copiou a história de fontes já publicadas e divulgaram em suas páginas e assim tiveram a chance de espalhar mais uma notícia fantástica com uma ilustração chamativa, com uma águia espalhando suas penas como se fossem gotas de suor ao se esforçar ao máximo para conseguir levantar a criança.

19 Georg Simmel, “The Metropolis And Mental Life”, em Kurt H. Wolff, *Sociology of George Simmel*, Nova York, Free Press, 1950, p.410.

encontrado por outras duas moças em choque. Temos também o exemplo do homem que morreu esmagado por um caixão dentro do cemitério Kensal Green Cemetery, a publicação data de 9 de Novembro de 1872, ao levar o caixão para o Kensal Green, 4 homens o derrubaram em cima de outro sujeito que não sobreviveu, a imagem mostra pânico e surpresa entre os presentes. Podemos ainda citar o supramencionado caso de Mary Ann Nichols, que tem sua imagem no centro da publicação e em volta inúmeros casos representados, como uma mulher deitada com um homem atirando enquanto ela expressa todo o seu desespero, mais embaixo outro sujeito com uma arma apontada para um homem e uma mulher e outras ilustrações que podem ser visualizadas nesta mesma publicação. Essas ilustrações não apenas referenciavam os medos da cidade e da vida moderna, mas também, as perturbações nervosas que eram ininterruptas.





(cópias disponibilizadas na obra de Linda Stratmann) ²¹

1.2 – Crime Histórico

“De todas as criaturas já feitas, o homem é a mais detestável. De toda a criação, ele é o único, o único que possui malícia. São os mais básicos de todos os instintos, paixões, vícios – os mais detestáveis. Ele é a única criatura que causa dor por esporte, com consciência de que isso é dor.”²²

Talvez pela popularidade que seus assassinatos alcançaram, o famoso estripador de Whitechapel é considerado por muitos como um dos primeiros assassinos em série. No entanto, registros de comportamentos violentos podem ser encontrado desde os mitos gregos, como a história de Atreu²³, passando pelos cavaleiros medievais que se distanciam do formoso e agradável modelo romântico do cavaleiro, até os dias atuais com figuras como Edmund Kemper e Andrei Chikatilo.

Bernard Capp, professor da Universidade de Warwick, uma das principais do Reino Unido, publicou um estudo na revista *History Today*²⁴ em que analisa casos de assassinatos em série, um deles é o de Thomas Sherwood e sua parceira Elizabeth Evans. A dupla foi responsável por uma série de assassinatos em Londres no século XVII. Por muitos anos a dupla agiu da

²¹ STRATMANN, Linda. **The Illustrated Police News: The Shocks, Scandals & Sensations of the Week 1864-1938**. Londres: British Library, 5 dezembro 2019. p. 49 e 57.

²² Citação de Mark Twain, pseudônimo de Samuel Longhorne Clemens, retirada da obra *Anatomia do mal* já citada neste trabalho.

²³ que assassinou junto de seu irmão Tiestes, seu meio-irmão Crisipo, e, posteriormente, Atreu assassina os seus sobrinhos e manda que seja feita uma refeição com a carne que é servida ao pai das crianças, Tiestes.

²⁴ <https://www.historytoday.com/magazine>

seguinte forma: Elizabeth atraía um sujeito embriagado em alguma taberna ou algum teatro para um local remoto onde Thomas os encontrava. A vítima era assassinada e tinha todos os seus bens levados. De acordo com Capp, ao menos cinco homens encontraram seu fim desta forma. O fim da dupla de assassinos foi na forca de Newgate²⁵.

Na Europa anterior ao século XIX a taxa alfabetização não era alta e, portanto, não é possível encontrar muitos registros sobre os primeiros assassinos em série. Porém, existem indícios de assassinos em série vivendo normalmente na sociedade, e alguns desses vislumbres estão no que chamamos de conto de fadas. Hoje pensamos um conto de fadas como literatura infantil. No entanto, estes contos têm origem em narrativas orais destinadas a adultos. Por mais que tenham elementos de magia, por exemplo, o conteúdo macabro abrangia muitos desses contos.

Os irmãos Jacob (1785 – 1863) e Wilhelm (1786 – 1859) Grimm registraram um conto chamado *A Noiva do Bandido*²⁶ que relata a história de uma mulher que entra escondida na casa de seu namorado. Nesta visita camuflada, a jovem assiste seu namorado e o amigo embebedarem uma moça apenas para assassiná-la, cortá-la em pedaços e devorá-la. Ainda é possível citar um conto que, ainda no século atual é muito conhecido e retrata bem o medo do homicida em série: *Chapeuzinho Vermelho*. Estudiosos como John Douglas²⁷ acreditam que lendas como a do lobo mau, lobisomens e outras criaturas, derivam, ao menos em parte, de casos reais de assassinatos medievais que matavam e decepavam suas vítimas brutalmente.

Nas narrativas modernas os lobisomens aparecem como personagens que vemos nos filmes antigos de terror, aquela besta peluda e cruel que surge à luz da lua cheia, e vampiros vem de literaturas como *Carmilla*²⁸ e *Drácula*²⁹. Porém, os europeus do século XVI pensavam de forma distinta. Lobisomens, por exemplo, eram um problema de justiça criminal e política pública. Quando alguma autoridade descobria uma matança brutal e descontrolada que envolvia o destroçamento das vítimas, caracterizavam como alguém que recebera o poder do diabo e se transformara, literalmente, em um monstro.³⁰

Mas afinal, qual a razão para se pensar que o assassino em série é uma invenção moderna? Primeiramente, o que hoje é considerado como violação nem sempre foi criminalizado, então

25 Foi uma prisão na esquina de Newgate Street com a Old Bailey Street na cidade de Londres. Foi construída no século XII e demolida em 1904.

26 <http://contosdatita.blogspot.com/2015/08/a-noiva-do-bandido-contos-de-grimm.html>

27 Agente do FBI. Foi um dos primeiros no trabalho de perfilar criminosos, especialmente assassinos em série.

28 LE FANU, J. Sheridan. *Carmilla-A Vampira de Karnstein*. EDITORA PANDORGA, 2021.

29 STOKER, Bram. *Drácula*. Darkside Entretenimento LTDA, 2018.

30 SCHECHTER, Harold. *Serial Killers – Anatomia da Mal: Entre na Mente dos Psicopatas*. Darkside books. Rio de Janeiro: Crime Scene, 2013. p. 152.

um homem que cometia atos de brutalidade não era necessariamente considerado criminoso. Com guerras sanguinolentas se tornando parte da vida das pessoas, um assassino que apreciasse o mal provocado ao outro poderia ingressar em uma carreira militar e assassinar livremente homens, mulheres e crianças, e poderia ainda ganhar uma medalha e uma promoção pelas suas ações.

É possível encontrar imagens que retratam como as guerras sempre possibilitaram que sádicos exercessem suas vontades usando um uniforme que as legitimassem. A série de gravuras de Francisco Goya *Os desastres da Guerra* (1810 – 1815) são um bom exemplo. Harold Schechter, cita em seu livro um relato de um soldado americano que descreveu uma cena que presenciou no Vietnã³¹: uma camponesa foi morta a tiros e logo em seguida um membro do pelotão do autor do relato “foi lá, rasgou as roupas da mulher, pegou uma faca e fez um corte da vagina até em cima, quase chegando aos seios, depois puxou os órgãos para fora, tirando-os completamente da cavidade abdominal, e jogou-os longe. Em seguida se ajoelhou e, debruçando-se sobre ela, começou a descascar cada pedacinho de pele do seu corpo e a deixou lá como algum tipo de aviso”. Provavelmente este mesmo homem recebeu uma medalha ao voltar da guerra.

Outra razão plausível para a ideia de que esses assassinos surgem na modernidade está ligada ao desenvolvimento da imprensa. É interessante observar como o caso de Jack se dá no contexto de aumento da alfabetização em massa e com os primeiros jornais baratos no modelo tabloide, como o *The Illustrated Police News*. Jack não foi o único nem o primeiro assassino sexual e brutal, porém, foi o primeiro a se tornar uma celebridade internacional. O caso do desconhecido assassino será pensado mais adiante neste trabalho, antes falaremos sobre uma das mais infames assassinas da Inglaterra vitoriana: Mary Ann Cotton.

1.3-Mary Ann Cotton

“Ela representava o lado obscuro do ideal feminino da era vitoriana: a ideia de que nada era mais doce e mais puro do que uma boa mulher em casa.”³²

Quando pensamos em um “serial killer” nos vem automaticamente a mente figuras masculinas com seus nomes icônicos dados pela mídia: o Estripador, Assassino de colegiais, o Vampiro de Sacramento e muitos outros. Realmente os homens derramam maior quantidade de

31SCHECHTER, Harold. *Serial Killers – Anatomia da Mal: Entre na Mente dos Psicopatas*. Darkside books. Rio de Janeiro: Crime Scene, 2013. p. 150.

32 TELFER, Tori. *Lady Killers: assassinas em série* / Tori Telfer; tradução de Daniel Alves da Cruz e Marcus Dantana; (ilustrações de Jennifer Dahbura). - Rio de Janeiro; DarkSide Books, 2019.p.125.

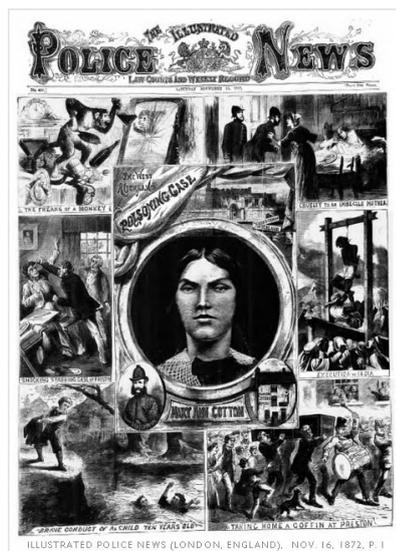
sangue nos livros de história e no imaginário popular, no entanto, eles não são os únicos e seus crimes não são piores do que os das assassinas sádicas que são conhecidas. Mas a história dessas mulheres é tão desconhecida e apagada que em 1991 quando Aileen Wuornos foi presa e acusada de sete assassinatos a grande mídia a nomeou de “a primeira assassina em série da América”. Nas décadas subsequentes continuou a ser chamada assim. Wuornos não foi primeira assassina na América, nem no mundo.

Várias mulheres já haviam sido acusadas de cometerem assassinatos em série, seja na América, como Belle Gunnes ou na Inglaterra vitoriana como Mary Ann Cotton. Os crimes perpetrados pelas assassinas têm sim uma diferença em relação aos seus pares masculinos. Os crimes cometidos pelos homens normalmente envolvem estupro, mutilações, esquarteramento, no entanto, por regra, a violação brutal não excita as assassinas para que este seja um fator motivador.

Os casos apontam que a motivação das criminosas não vem de corpos estranhos ou violação destes com objetos, e sim da sádica eliminação do sujeito aos poucos, de forma gradual e perversa, como pelo envenenamento ou sufocamento de crianças, familiares ou pacientes sob seus cuidados. Essas mulheres parecem experimentar um grande prazer ao assistir ao sofrimento e à morte lenta de suas vítimas. No entanto, reforço que não é uma regra, existem inúmeros envenenadores e mulheres que brutalizaram corpos como Wuornos e Gunnes.

Mary Ann Cotton era uma dessas mulheres, assassinou ao menos 23 pessoas em um período de 12 anos. Seu caso aconteceu antes de Jack, porém, seus crimes não são conhecidos como os do Estripador. Em fevereiro de 1873, em sua audiência de compromisso, apenas dezesseis jornalistas estavam presentes, seis destes eram locais. Havia uma extensa cobertura sobre o caso, mas não nacionalmente. Os grandes jornais nacionais que viviam de histórias criminais e que as utilizavam, muitas vezes, para chamar a atenção do público, haviam negligenciado o caso.

Jornais como o *Daily News*, o *Lloyd's* e o *Reynolds's* publicaram uma média de oito ou nove matérias ao longo dos oito meses que abrangeram a detenção e o julgamento da criminosa, sendo algumas com apenas algumas menções, algumas linhas, sem grande interesse em reportar o caso. Um dos periódicos que se tornou um ponto fora da curva sobre o caso, considerando proporções maiores do jornal, foi o *Leeds Mercury* que publicou vinte e três matérias. O *Illustrated Police News* publicou algumas matérias sobre o caso, e claro, suas ilustrações anunciavam em sua capa que Mary Ann Cotton teria seu espaço na publicação.



No caso do *Illustrated Police News* a narrativa textual não traz a exploração sensacionalista que encontramos nas ilustrações. Quando comparamos os textos do IPN e do *Lloyd's Weekly Newspaper*, por exemplo, percebemos que o primeiro carrega um caráter mais descritivo do caso, já o do *Lloyd's* procura explorar mais este aspecto sádico que os crimes de Mary Ann carregam. Abaixo um trecho da notícia publicada dia 30 de março de 1873 na página 7 do *Lloyd's Weekly Newspaper*, após o enforcamento de Cotton:

“A série de assassinatos a sangue frio pelos quais Mary Ann Cotton foi enforcada em Durham Gaol, na última segunda-feira de manhã, são crimes contra os quais nenhuma punição conhecida na história poderia abrir caminho. A mulher parece ter sido totalmente desprovida de um sentimento da hediondez dos seus crimes. Ela abanou a criança de joelhos até hoje, que amanhã iria envenenar. Ela manteve o corpo de uma vítima por enterrar, até ter acabado com outra, a fim de fazer com que uma cerimônia fúnebre fizesse para as duas. A maioria dos seus assassinatos foram cometidos por pequenos ganhos, como uma pequena apólice, ou uma taxa de enterro; mas o último foi apenas para tirar um rapaz do caminho, porque ele a impediu de sair para o trabalho. Ela matou maridos e filhos com a despreocupação de uma garota da fazenda matando aves. A mulher não mostrou paixões violentas. A sua conduta não provocou suspeitas - até ter ilibado a sua casa de todas as almas vivas. Que uma tal criatura humana possa crescer no meio da nossa civilização, é um fato deplorável a ponderar. Mary Ann Cotton parece ter estado aberta a apelos do capelão da cadeia; ter rezado de todo o coração; ter-se arrependido. Só podemos inferir dos seus últimos momentos, que até ela se ter mergulhado nos lábios em sangue, e ter chegado à cela condenada, a filha do funileiro nunca chegou ao alcance de lições que pudessem tocar o seu coração. As suas más paixões tinham um jogo desenfreado; ela era ignorante, dura - sem qualquer sentido a não ser o de si própria. Enquanto fazemos uma pausa de horror sobre a história desta assassina em massa, devemos lembrar que a sociedade é criminosas de partícipes; e que não devemos parar nem descansar até que o mestre da escola tenha chegado ao coração, bem como ao cérebro de cada criatura nascida da mulher.”³³
(tradução livre)

33“Mary Ann Cotton.” *Lloyd's Weekly Newspaper* (London, England), Mar. 30, 1873, p. 7

“The series of cold-blooded murders for which Mary Ann Cotton was hanged in Durham Gaol, last Monday morning, are crimes against which no punishment known in history could make way. The woman appears to

Este trecho claramente se apodera da tática apelativa sob as emoções e sensibilidades do público enfatizando ao extremo o tamanho da barbaridade que os crimes de Cotton representam. Quando a publicação diz que os crimes da mulher são tão perversos que nenhuma punição existente poderia abrir caminho para a justiça, há uma clara escolha de palavras organizadas para instigar um sentimento de revolta, algo para tocar a emoção do leitor, dando ênfase em ideias que alcançam a atenção do público leitor.

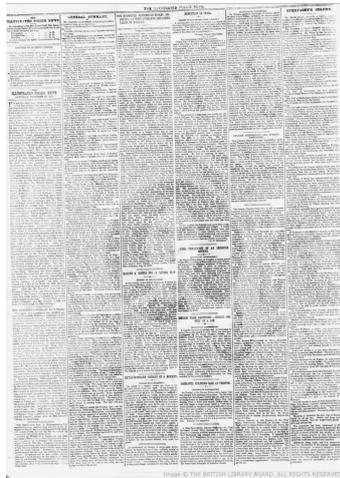
A redação do *IPN* publicada no dia 16 de Novembro de 1872 traz um texto mais descritivo, contando sobre Mary Ann Cotton, quais foram os seus crimes e como foram descobertos. Ou seja, o que encontramos nesta redação é uma descrição de um caso apontando todas as suas personagens:

“Não precisamos de reiterar todas as circunstâncias que levaram à descoberta do catálogo de supostos crimes, mais do que dizer que a morte do seu marido, dois enteados, o seu próprio filho, e um hóspede, ocorrida em tão terrível e rápida sucessão, tudo isto no prazo de dez meses, e pouco depois de terem ido residir na aldeia de Colliery, em West Auckland, suscitaram naturalmente suspeitas que levaram aquele agudo e enérgico oficial. O Sargento Hutchinson, para investigar o caso. O conteúdo do estômago de Charles Edward Cotton, revelando que ele tinha sido envenenado por arsénico branco, aumentou a suspeita de que o resto tinha sido despachado de forma semelhante, e a mulher ter tido três maridos (um dos quais sobrevive). (...) O Sargento Hutchinson rastreou 19 mortes que ocorreram debaixo do seu tecto, todas elas com algum interesse. Além destas, a sua própria mãe morreu muito subitamente enquanto o prisioneiro estava em sua casa, e esta última tomou posse das suas roupas e de vários artigos em casa...”³⁴ (tradução livre)

have been utterly devoid of a sense of the heinousness of her crimes. She rocked the child on her knees to-day, that she was to poison tomorrow. She kept the body of one victim unburied, till she had finished off another, in order to make one funeral ceremony do for the two. Most of her murders were committed for petty gains, as a small policy, or a burial fee; but the last was merely to get a boy out of the way, because he prevented her from going out to work. She killed off husbands and children with the unconcern of a farm girl killing poultry. The woman showed no violent passions. Her conduct provoked no suspicions—until she had cleared her house of every living soul. That such a human creature can grow in the midst of our civilisation, is a deplorable fact to ponder. Mary Ann Cotton appears to have been open to appeals from the gaol chaplain; to have prayed heartily; to have repented. We can only infer from her last moments, that until she had steeped herself to the lips in blood, and had reached the condemned cell, the tinker's daughter never got within reach of lessons that could touch her heart. Her bad passions had unrestrained play; she was ignorant, hard—with no sense save that of self. While we pause in horror over the story of this wholesale murderess, we must remember that society is *particeps criminis*; and that we should neither pause nor rest till the schoolmaster has reached the heart as well as the brain of every creature born of woman.”

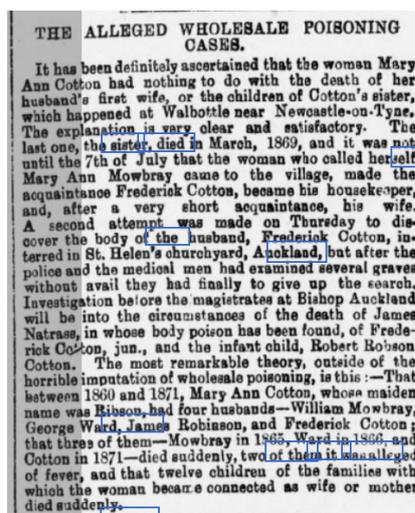
³⁴We need not reiterate the whole of the circumstances which led to the discovery of the catalogue of supposed crimes, more than to say that the deaths of her husband, two stepsons, her own child, and a lodger, occurring in such terrible and rapid succession, all within ten months, and shortly after they went to reside at the colliery village of West Auckland, naturally excited suspicions which led that acute and energetic officer. Sergeant Hutchinson, to investigate the case. The contents of the stomach of Charles Edward Cotton, revealing that he had been poisoned by white arsenic, increased the suspicion that the rest had been despatched in a similar manner, and the woman having had three husbands (one of whom survives). (...) Sergeant Hutchinson has traced 19 deaths to have taken place under her roof, all of which she has had some interest

Página com a descrição do caso – 16 novembro 1872



É possível perceber que a narrativa do IPN sobre Mary Ann Cotton é sobre os fatos, não se alonga para explorar o caráter passional. A história é contada sem intenção de que as palavras choquem o público. O seguinte trecho publicado no dia 26 de Outubro de 1872 fortalece essa análise:

“Foi definitivamente determinado que a mulher Mary Ann Cotton nada tem a ver com a morte da primeira mulher do seu marido, ou dos filhos da irmã de Cotton, o que aconteceu em Walbottle, perto de Newcastle-on-Tyne. A explicação é muito clara e satisfatória...”³⁵ (tradução livre)



in. Besides these, her own mother died very suddenly while the prisoner was staying at her house, and the latter took possession of her clothes and several articles in the house...

35 It has been definitely ascertained that the woman Mary Ann Cotton has nothing to do with the death of her husband's first wife, or the children of Cotton's sister, which happened at Walbottle near Newcastle-on-Tyne. The explanation is very clear and satisfactory....

Relembrando a entrevista dada pelo dono do *Illustrated Police News* ao *Pall Mall Gazette*, podemos citar o trecho em que Purkess afirma que seu jornal é como qualquer outro em sua redação, o aspecto sensacionalista fica restrito às imagens. O caso de Mary Ann Cotton, foi noticiado em algumas edições, e em seu texto não é possível encontrar uma apelação para o escandaloso, uma redação que proponha um impacto por meio do horror, e sim, uma descrição de fatos.

Nas ilustrações Cotton também não chegou a ser muito representada. A mais famosa é a ilustração que vem presente na capa supracitada. Este foi um caso chocante na Inglaterra do XIX, porém, não chegou aos pés do que viria a acontecer cerca de 40 anos depois. Para os estudiosos sobre temas criminais Cotton é uma personagem conhecida, porém, mesmo com inúmeros livros e trabalhos publicados é possível encontrar sites que dizem que Mary Ann Cotton foi a primeira assassina em série da Inglaterra.³⁶ Na história criminal podemos encontrar com facilidade inúmeras mulheres que vieram antes de Cotton como Catherine Foster (1829 - 1847), Catherine Wilson (1817 - 1862), Celestina Sommer (1827 - 1859), Christiana Edmunds (1829 - 1907), Elizabeth Martha Brown (1811/12 - 1856), Mary Ball (1818 - 1849), Sarah Chesham (1809 - 1851) e tantas outras.

Cerca de uma semana após seu enforcamento uma canção de ninar³⁷ foi feita sobre sua história e uma peça moralista nomeada *The life and Death of Mary Ann Cotton* foi apresentada. No dia 29 de Março de 1873, o *Burnley Advertiser* publicou que “nenhum monstro mais hediondo jamais respirou sobre a face da terra”. Quinze anos após esse caso, nas esquinas escuras de Whitechapel surgiria um dos monstros mais hediondos e o mais conhecido assassino da Inglaterra. Jack conseguiria o que Mary Ann Cotton e outros predecessores nunca conseguiram: notoriedade, reputação e a atenção da imprensa.

1.4 – Jack, the Ripper

“Senhor,
Envio metade do Rim que tirei de uma mulher preservado para o senhor, os outros pedaços fritei e comi, estava muito bom. Devo mandar a faca ensanguentada que usei se o senhor puder esperar um pouco mais
assinado // ... Pegue-me quando puder Sr. Lusk.....”³⁸

36 <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/historia-mary-ann-cotton-primeira-serial-killer-da-inglaterra.phtml>

37 Mary Ann Cotton/She'd dead and she's rotten/ She lies in her bed/ With her eyes wide open/ Sing, sing, oh, what can I sing/ Mary Ann Cotton is tied up with a string./Where, where? Up in the air./ Sellin' black puddens a penny a pair.

38 Tradução da considerada única carta verdadeira do canibal de Whitechapel. Tradução copiada da obra *Serial Killers – Anatomia do Mal*.

Quando Theodore Robert Bundy foi definitivamente preso em 1978 e seus julgamentos tiveram início, houve uma massiva cobertura da mídia. A proporção da cobertura foi extensa, rádio, jornais impressos e televisivos, em vários países noticiavam cada momento do caso de Bundy e a audiência alcançou números espetaculares. Ao mesmo tempo, havia uma crítica acentuada sobre a atenção que essas notícias estavam recebendo. Porém, a atração por casos assim não começa com Bundy, ou com Jack. Esse encantamento por acontecimentos macabros antecede a imprensa: pessoas tomavam ciência dos crimes absurdos por meio de baladas orais. Quando um crime acontecia, era transformado em uma música e transmitida de pessoa a pessoa.³⁹ Na Era vitoriana os assassinatos em série eram motivo de atenção, e a grande cobertura feita pelos tabloides atesta essa característica.

Jack não foi o primeiro assassino a surgir no mundo, no entanto, foi o primeiro assassino moderno a se tornar uma celebridade. É importante observar que os crimes de Jack ocorrem no contexto de aumento da alfabetização em massa e o surgimento de jornais baratos, como o *Illustrated Police News*. O Estripador está em uma dimensão acima dos outros assassinos na história por algumas razões, uma delas é o fato de ter motivado uma sequência descomunal de livros, séries, documentários, estudos e teorias, tornou-se quase um gênero por si só.

Atualmente inúmeros assassinos são conhecidos pela sua comunicação com as autoridades, como uma forma de provocação, como Dennis Lynn Rader, conhecido como “BTK” ou “Estrangulador BTK”. Porém, o primeiro a receber crédito por este feito também foi Jack. A diversão vinda da relação entre assassinato e comunicação com a polícia e jornais surge no século XIX com o desenvolvimento da imprensa e dos departamentos policiais. Em 1839 fundou-se a polícia moderna de Londres e os tabloides sensacionalistas surgiram na segunda metade do século, como o *IPN* em 1864.

Os estudiosos do caso de Jack acreditam que a primeira das provocações, uma carta recebida pela polícia e que conferiu a este seu célebre nome, não foi escrita pelo real assassino. A carta foi escrita em tinta vermelha e datava de 25 de Setembro de 1888. Porém, algumas semanas depois outra carta foi recebida, e esta é considerada a única verdadeira, escrita pelo homicida de Whitechapel. No dia 16 de Outubro de 1888, duas semanas após o assassinato de Catherine Eddowes que teve seu rim esquerdo arrancado, um pacote foi recebido na casa de

SCHECHTER, Harold. *Serial Killers – Anatomia do Mal: Entre na Mente dos Psicopatas*. Darkside books. Rio de Janeiro: Crime Scene, 2013. p. 333.

39SCHECHTER, Harold. *Serial Killers – Anatomia do Mal: Entre na Mente dos Psicopatas*. Darkside books. Rio de Janeiro: Crime Scene, 2013. p. 277.

“O fascínio por assassinatos macabros já existia muito antes do advento da chamada ‘mídia’. Na época anterior à escrita, as pessoas ficavam sabendo de crimes chocantes por meio de baladas transmitidas oralmente.”

George Lusk, presidente do Comitê de Vigilância de Whitechapel⁴⁰. Dentro da embalagem havia um pedaço de rim humano podre. Havia junto uma cômica carta com o remetente que cerca de um século depois daria nome a aclamada *graphic novel* escrita por Alan Moore e ilustrada por Eddie Campbell: From Hell.

O *Illustrated Police News* não perderia a oportunidade de utilizar todo o seu sadismo ilustrado para noticiar o primeiro assassinato do Estripador. A já mencionada capa trouxe Mary Ann Nicholls morta dentro do caixão.⁴¹ Nesta primeira publicação podemos perceber que há uma descrição maior do caso do que no analisado anteriormente. Logo no início encontramos o seguinte trecho:

“Com a ajuda da luz da sua lanterna que acertou na mosca Neil percebeu de imediato que a mulher tinha sido vítima de algum horrível ultraje. O seu rosto lívido estava manchado de sangue e a sua garganta cortada de orelha a orelha.”⁴² (tradução livre)

É perceptível uma mudança no tom da narrativa: além de mais detalhes e da preocupação sobre como o policial encontrou a vítima, podemos sentir um drama na forma de relatar como se desenrolou o momento da descoberta. Além disso, Nicholls é descrita com uma riqueza de detalhes não encontrada no caso anterior:

“A mulher assassinada tem cerca de quarenta e cinco anos de idade, e 1,5 m. de altura. Tinha uma pele escura, olhos castanhos, e cabelo castanho, ficando cinzento. Na altura da sua morte, ela usava um ulster castanho preso com sete grandes botões de metal com a figura de um cavalo e um homem de pé ao seu lado, estampado no mesmo. Tinha um vestido de linho castanho e uma anágua de lã cinzenta com uma roupa de baixo de flanela, meias de lã pretas, botas de lã, capacete de palha de carvalho aparado com veludo preto. A marca "Lambeth Workhouse--P.R." foi encontrada estampada nas faixas do anágua, e espera-se que a identidade deste falecido possa ser descoberta. Foi tirada uma fotografia do corpo, e esta será distribuída entre os funcionários da casa de trabalho.”⁴³ (tradução livre)

40 Grupos de comerciantes que se juntaram para colaborar na caçada a Jack.

41 Todas as edições sobre o Estripador podem ser encontradas no site <https://www.casebook.org/>

42 “With the aid of the light from his bullseye lantern Neil at once perceived that the woman had been the victim of some horrible outrage. Her livid face was stained with blood and her throat cut from ear to ear.”

43 “The murdered woman is about forty-five years of age, and 5ft. 2in. in height. She had a dark complexion, brown eyes, and brown hair, turning grey. At the time of her death she was wearing a brown ulster fastened with seven large metal buttons with the figure of a horse and a man standing by its side stamped thereon. She had a brown linsey frock and a grey woollen petticoat with a flannel underclothing, close-ribbed brown stays, black woollen stockings, side-spring boots, black straw bonnet trimmed with black velvet. The mark "Lambeth Workhouse--P.R." was found stamped on the petticoat bands, and a hope is entertained that by this deceased's identity may be discovered. A photograph of the body has been taken, and this will be circulated amongst the workhouse officials”

O nome de Jack ainda não é citado nesta edição, a carta que daria seu famoso pseudônimo seria enviada um pouco mais tarde. A primeira menção no *Police News* sobre o assassino como Jack é na edição de 20 de Outubro de 1888. O nome “Jack, the Ripper” surge em alguns trechos, e um deles mostra como esses assassinatos afetaram não apenas a área de Whitechapel. O cotidiano inglês foi tomado por pessoas que se apossaram de um medo constante de ser a próxima vítima do assassino de Whitechapel. As autoridades tentaram reconhecer a assinatura da primeira carta:

“O Superintendente Farmer, da Polícia do Rio Tyne, recebeu informações que, considera-se, podem formar uma pista para os assassinatos de Whitechapel. Um marinheiro austríaco assinou artigos a bordo de um navio da Faversham no Tyne no sábado, e navegou para um porto francês. Em seguida, descobriu-se que sua assinatura correspondia às cartas fac-símile assinadas ”Jack, o Estripador”, e que a descrição do homem também correspondia à do assassino de Whitechapel circulado pela Polícia Metropolitana.

Mais de setecentas cartas dando informações foram investigadas pela polícia, com uma grande quantidade de problemas, e sem sucesso. As dificuldades com as quais a polícia tem que se defrontar têm sido cativadas por tantos homens que vagueiam pela ponta leste que, por seu estranho comportamento, movimentos irresponsáveis e aparente semelhança com a descrição vaga do homem procurado, têm dado origem a suspeitas que necessariamente terminaram na investigação policial. O susto do assassinato se espalhou por outras partes da Metrôpole, como um exemplo do qual, por volta do meio-dia de sábado, uma sensação foi ocasionada na localidade de High Holborn. Um cavalheiro estava prosseguindo ao longo de Holborn na direção da cidade, quando de repente foi assediado por um estranho homem da classe trabalhadora, que exclamou: “Este é Jack, o Estripador”. Uma luta se seguiu, e os dois caíram fortemente no chão. A cena logo atraiu uma multidão muito grande de pessoas, que rapidamente se recolheram, pensando que o assassino de Whitechapel havia sido preso. Muita emoção prevaleceu, e o homem foi transportado para a delegacia de polícia.”⁴⁴ (tradução livre)

⁴⁴Superintendent Farmer, of the River Tyne Police, has received information which, it is considered, may form a clue to the Whitechapel murders. An Austrian seaman signed articles on board a Faversham vessel in the Tyne on Saturday, and sailed for a French port. Afterwards it was found that his signature corresponded with the facsimile letters signed "Jack the Ripper," and that the description of the man also corresponded with that of the Whitechapel murderer circulated by the Metropolitan Police. Upwards of seven hundred letters giving information have been inquired into by the police, with a vast amount of trouble, and with no success. The difficulties the police have to contend with have been enchauced by so many men wandering about the East-end who, by their strange behaviour, unaccountable movements, and apparent resemblance to the vague description of the man who is wanted, have given rise to suspicions which have necessarily terminated in police investigation. The murder scare has spread to other parts of the Metropolis, as an instance of which, about noon on Saturday, a sensation was occasioned in the locality of High Holborn. A gentleman was proceeding along Holborn in the direction of the City, when he was suddenly pounced upon by a strange man of the labouring class, who exclaimed, "This is Jack the Ripper." A struggle ensued, and the two fell heavily to the ground. The scene soon attracted a very large crowd of people, who quickly collected, thinking that the Whitechapel murderer had been arrested. Much excitement prevailed, and the man was conveyed to the police-station”

Ainda nesta edição, a pessoa que escreve relata preocupação sobre a falta de informações concretas acerca do caso e que o único conforto que a população tem naquele momento é não ter uma nova vítima. Ainda de acordo com o autor do texto, a polícia tentou ter todos os créditos por isso, tentou mostrar para a sociedade que Jack não havia atacado novamente por conta do trabalho das autoridades. O que provou ser um equívoco, visto que um tempo depois uma infeliz mulher cruzou o caminho do assassino de Whitechapel. Mas este era um medo que a notícia expressa: o medo de que Jack estaria apenas ganhando tempo e esperando que as pessoas voltassem a relaxar para cometer o próximo crime:

“O assassino do East End ainda está à solta. Depois de mais uma semana, parece que estamos tão longe de capturá-lo como sempre. A polícia, apesar de todos os seus esforços, parece não ter absolutamente nenhuma pista de caráter definido. Há apenas uma característica reconfortante no presente estado de coisas. Até o momento de escrever, nenhum outro assassinato do mesmo tipo horrível foi cometido. A polícia pode reivindicar com justiça algum crédito por este fato. Eles ajudaram a pôr um fim ao trabalho diabólico, e de qualquer forma por ora. Eles foram assistidos pela classe de mulheres contra as quais as energias do assassino são dirigidas. Estas pobres criaturas são mais cuidadosas com elas mesmas do que de costume. Entre a polícia e as mulheres o assassino, sem dúvida, tem dificuldade de continuar suas terríveis operações. Há demasiadas razões para temer que ele esteja apenas esperando que as precauções atuais sejam relaxadas, quando ele estará novamente nisso. Só podemos esperar que, antes que esse tempo chegue, ele esteja nas garras da lei.”⁴⁵ (tradução livre)

A última aparição canônica do Estripador foi estampada na edição do dia 17 de Novembro de 1888:

⁴⁵The East End murderer is still at large. After another week we seem as far from capturing him as ever. The police, in spite of all their efforts, appear to have absolutely no clue of a definite character. There is only one comforting feature in the present state of affairs. Up to the time of writing no other murders of the same horrible type have been committed. The police may fairly claim some credit for this fact. They have helped to put an end to the fiendish work, and at any rate for the present. They have been assisted by the class of women against whom the murderer's energies are directed. These poor creatures are more careful of themselves than usual. Between the police and the women the murderer, doubtless, finds it difficult to continue his awful operations. There is too much reason to fear that he is just biding his time, waiting for the present precautions to be relaxed, when he will be at it again. We can only hope that before that time arrives he will be in the clutches of the law.



Ainda encontramos descrições vívidas sobre a condição em que o corpo foi encontrado. No caso de Jack, as descrições tem caráter dramático e realista, a ponto de dizer que o corte feito no pescoço da vítima quase separou a cabeça do corpo. Neste drama narrativo podemos encontrar um sensacionalismo, não como o visto no *Lloyd's* falando sobre Mary Ann Cotton, mas sim uma forma de narrar a notícia de forma explícita.

“Um policial foi convocado e imediatamente tomou posse da sala, recusando-se a permitir a entrada de qualquer pessoa até que um homem médico fosse trazido ao local. Quando isso foi feito, uma cena mais terrível do que qualquer outra que a precedeu foi revelada. Um estado tão chocante das coisas estava lá como provavelmente nunca foi igualado nos anais do crime. A garganta havia sido cortada com uma faca, quase cortando a cabeça do corpo. O abdômen tinha sido parcialmente aberto e ambos os seios tinham sido cortados do corpo. O braço esquerdo, como a cabeça, estava pendurado ao corpo apenas pela pele. O nariz tinha sido cortado, a testa esfolada, e as coxas, até os pés, desnudadas da carne. O abdômen tinha sido cortado com uma faca para cima e para baixo, e o fígado e as entranhas tinham sido arrancadas. As entranhas e outras porções da armação estavam faltando, mas o fígado, etc., diz-se, foram encontrados colocados entre os pés da pobre vítima. A carne das coxas e pernas, juntamente com os seios e o nariz, havia sido colocada pelo assassino sobre a mesa, e uma das mãos da mulher morta havia sido empurrada para dentro de seu estômago.

(...)

A vítima do monstruoso ultraje pertencia à classe mais baixa. Ela ocupava uma sala sem ânimo e de aspecto sombrio no andar térreo ou no nº 26, Dorset-street. A entrada para seu quarto, entretanto, é da passagem entre as casas nº 26 e 29, que leva à quadra de Miller. O quarto, que ficava nos fundos da casa, estava muito pouco mobiliado. Ele continha pouco além de uma cama, uma mesa raquítica e um par de cadeiras. Ambos os N° 26 e 28 estão na ocupação de uma Sra. M'Carthy, que exercia a atividade de um comerciante de provisões no N° 28. Foi o filho da senhoria quem primeiro descobriu o assassinato e deu informações para a polícia. A senhoria adere estritamente ao princípio do dinheiro "pronto" ao lidar com os inquilinos. Normalmente é prática dela esperar neles durante a manhã, e receber o aluguel de cada dia com antecedência.

Dr. Dukes; Dr. Phillips, do Spital-square; Dr. J. R. Gabe, do Mecklenburg-square; e Dr. Bond, do Hospital Westminster, todos viram o corpo, do qual tinha sido tirada uma fotografia, pouco antes das duas horas. Deitado na cama, apresentava um espetáculo horrível, e tão completo havia sido a mutilação, que era difícil dizer se era de um homem ou de uma mulher. Estava deitado de costas, com as pernas estendidas. O rosto havia sido de tal forma cortado e hackeado que as

características não podiam ser discernidas de forma alguma. Chegou-se à conclusão de que a garganta da mulher havia sido cortada primeiro, causando sua morte instantânea e impedindo a possibilidade de choros.

O corpo foi colocado em um caixão simples e retirado, pouco antes das quatro horas, para a casa mortuária em Shoreditch, em uma van de mola, seguido por uma multidão.⁴⁶ (tradução livre)

Temos um espaço considerável na reportagem para relatar como ficou a vítima de Jack além de características sobre a vida de Mary Jane Kelly, a vítima. Foi revivida a história de Mary Ann, a primeira vítima do psicopata de Whitechapel, o cenário do novo crime ocorreu a quase dois passos da rua Hanbury, local em que Mary Ann perdeu a sua vida. Algumas teorias são levantadas na reportagem, como o provável fato de a nova vítima conhecer o Estripador.

46A policeman was summoned, and he at once took possession of the room, and refused to allow anyone to enter until a medical man had been brought to the spot. When this had been done, a scene more terrible than any of the others that have preceded it was disclosed. Such a shocking state of things was there as has probably never been equalled in the annals of crime. The throat had been cut right across with a knife, nearly severing the head from the body. The abdomen had been ripped partially open, and both of the breasts had been cut from the body. The left arm, like the head, hung to the body by the skin only. The nose had been cut off, the forehead skinned, and the thighs, down to the feet, stripped of the flesh. The abdomen had been slashed with a knife across and downwards, and the liver and entrails wrenched away. The entrails and other portions of the frame were missing, but the liver, etc., it is said, were found placed between the feet of the poor victim. The flesh from the thighs and legs, together with the breasts and nose, had been placed by the murderer on the table, and one of the hands of the dead woman had been pushed into her stomach.

(...)

The victim of the monstrous outrage belonged to the very lowest class. She occupied a cheerless and dismal-looking room on the ground floor or No. 26, Dorset-street. The entrance to her room, however, is from the passage between the houses Nos. 26 and 29, leading into Miller's-court. The room, which was at the back of the house, was very scantily furnished. It contained little besides a bed, a rickety table and a couple of chairs. Both Nos. 26 and 28 are in the occupation of a Mrs. M'Carthy, who carried on the business of a provision dealer at No. 28. It was the son of the landlady who first discovered the murder and gave information to the police. The landlady adheres strictly to the principle of "ready" cash in dealing with the lodgers. It is usually her practise to wait on them in the course of the morning, and receive each day's rent in advance.

Dr. Dukes; Dr. Phillips, of Spital-square; Dr. J. R. Gabe, of Mecklenburg-square; and Dr. Bond, of Westminster Hospital, all saw the body, of which a photograph had been taken, shortly before two o'clock. As it lay on the bed it presented a ghastly spectacle, and so complete had been the mutilation, that it was difficult to tell whether it was that of a man or woman. It lay on its back, with the legs outspread. The face had been so cut and hacked that the features could not be discerned at all. The conclusion was arrived at that the woman's throat had first been cut, causing her instant death, and preventing the possibility of cries.

The body was placed in a plain coffin and removed, shortly before four o'clock, to the mortuary in Shoreditch, in a spring van, followed by a crowd.

Todas as notícias são divididas em tópicos, relatando o crime, suspeitas, o andamento da investigação policial e percepções da sociedade. São notícias completas e que carregam um tom sensacionalista, mas, ao mesmo tempo, informativo. Indiscutivelmente, as imagens são muito chamativas quando considerado o caráter sensacionalista no periódico, o que não descarta a possibilidade de descrições apelativas também no texto. George Purkess afirmou que sua redação era como qualquer outro periódico, porém, ao comparar com a narrativa do *Lloyd's*, por exemplo, percebe-se que na verdade é uma narrativa mais branda, mais informativa e com uma intenção pontual: contar uma história com os fatos.

No entanto, Jack chama atenção não apenas no *The Illustrated Police News*, mas em todos os jornais e fora deles também. As sensibilidades foram provocadas e estimuladas pelos textos e pelas imagens e mudaram dinâmicas do cotidiano inglês. A preocupação com a falta de esclarecimentos sobre o caso é evidente nas páginas do IPN, pois, a cada semana que se passava mais longe eles estavam de prender o carniceiro. Não sabiam eles que nunca conseguiriam chegar na sombra de quem realmente foi Jack, o Estripador.

1.5 – À sombra de Jack

O canibal de Whitechapel obteve reconhecimento colossal após assassinar ao menos 5 prostitutas. Porém, após ganhar notoriedade com seus assassinatos, muitos outros crimes violentos passaram a ser atribuídos a ele, mesmo que a única semelhança entre eles fosse a crueldade. Um desses casos que caiu na sombra do Estripador é conhecido como O torso do Tâmis. Os crimes foram cometidos antes, durante e depois da ação de Jack. Existem registros sobre o caso no *Illustrated Police News* e neste trabalho analisaremos a edição publicada no dia 15 de Junho de 1889, data em que o carniceiro de Whitechapel não estava mais em ação, ao menos não com o mesmo *modus operandi*⁴⁷. A escolha desta edição se dá pelo fato de ter conexões com as anteriores: partes de corpos foram encontradas em momentos diferentes e já em 1889 os profissionais envolvidos na investigação dos casos e análise dos corpos tentam montar este quebra-cabeças.

47 Há uma forma de cometer os assassinatos ligada a Jack, no caso, estripando as vítimas. Porém, alguns casos violentos de assassinatos passaram a ser atribuídos a este sujeito em decorrência da fama. No entanto, assume-se que Jack teria cinco vítimas, todas prostitutas, levando em consideração a sua forma de agir, seu *modus operandi*, que de acordo com Ilana Casoy é definido ao estabelecer qual foi a arma usada, qual o tipo de vítima, qual o local e o passo a passo na forma de agir. (CASOY, Ilana. *Arquivos serial killers: Louco ou cruel? E Made in Brazil*. Rio de Janeiro: Darkside Books, 2017. p. 63.)

Na notícia publicada em 1889 temos uma introdução que fala sobre onde e qual parte do corpo foi encontrada. As descrições detalhadas estão presentes, porém, não são tão alongadas quanto a das vítimas de Jack.

“Na quinta-feira à tarde, na semana passada, um trabalhador chamado Davies descobriu no Batterse Park um feixe contendo uma porção de um corpo humano, que se acredita pertencer ao corpo do qual os outros restos encontrados faziam parte. Os restos foram encontrados em um arbusto próximo à parede do chão da moldura, e foram embrulhados em um pedaço de papel pardo, dentro do qual um pedaço de vestido de mulher de cor de ameixa, e rasgados. Tinha dois saltos de vermelho e branco. A faixa da saia tem um fundo azul, com uma marca de branco, semelhante à matéria da qual são feitos os espanadores. O feixe inteiro foi amarrado com cordão veneziano cego e um fio comum. Um grande pino escuro foi amarrado à faixa da saia. No bolso da saia foi encontrado um pequeno botão moldado de vulcanite preta, cuja superfície é marcada com linhas paralelas. Os restos consistem na parte superior do tronco de uma mulher. Faltam algumas costelas, e o osso do peito foi quase cortado transversalmente. A cavidade torácica está vazia, mas a porção encontrada contém o baço, ambos rins, e uma porção do estômago e intestinos. As cinco costelas inferiores estavam inteiras, e faltam as segundas costelas. Os restos mortais foram entregues ao sargento Briggs, e posteriormente examinados pelo Dr. Felix Kempster.”⁴⁸ (tradução livre)

Este caso nos interessa, também, para observar como crimes em condições diferentes dos cometidos por Jack vieram a ser incorporados em teorias que o colocaram como o protagonista de tais ocorrências. A apropriação dos crimes para o Estripador não veio como forma de resolução dos casos, mas para tornar o assassino ainda mais imponente, inalcançável fazendo com que ele se tornasse um mito. As representações do *IPN* têm a intenção de provocar a sensibilidade social com o que já era real: o medo cotidiano.

1.6 – Edward William Pritchard

Em 1865 o médico Edward William Pritchard foi enforcado em Glasgow na frente de milhares de pessoas pelo envenenamento de sua esposa e sua sogra com antimônio venenoso.

48 “On Thursday afternoon, last week, a labourer named Davies discovered in Batterse Park a bundle containing a portion of a human body, believed to belong to the body of which the other remains found formed part. The remains were found in a shrubbery near the wall of the frame ground, and wew wrapped in a piece of browns paper, inside which a piece of woman’s dress of a plum colour, and torn. It had two flounces of red and white. The band of the skirt has a blue ground, with whit check, similar to the materia of which duster are made. The whole bundle was tied with venetian blind cord and some ordinary string. A large dark pin was fastened to the band of skirt. In the pocket of the skirt was found a small black vulcanite moulded button, the surface of which is marked with parallel lines. The remains consist of the upper part of a woman’s trunk. Some of the ribs are missing, and the breast bone has been nearly cut across. The chest cavity is empty, but the portion found contains the spleen, both kidneys, and a portion of the stomach and intestines. The five lower ribs were entire, and second ribs are missing. The remains were handed over to sergeant Briggs, and were subsequently examined by Dr. Felix Kempster.”

Casos como o de Pritchard não eram incomuns, envenenadores são fáceis de encontrar, e assassinos como o letal médico não são representados exclusivamente nas narrativas jornalísticas, estes se tornam personagens de notáveis escritores como a intitulada rainha do crime, Agatha Christie.

Christie não foi a única a mencionar ou se inspirar em envenenadores para compor as suas narrativas. Entre os anos de 1891 e 1892 Arthur Conan Doyle publicou originalmente uma coletânea de contos na revista britânica *Strand Magazine* que viria a compor o livro *As aventuras de Sherlock Holmes*⁴⁹. Um dos contos, nomeado de “A Banda Malhada”, mostra o enfrentamento entre Holmes e o Dr. Grimbesby Roylott. Em determinado momento da narrativa Sherlock Holmes cita Pritchard ao dizer para Watson que “quando um médico se desencaminha, é o mais consumado dos criminosos. Tem audácia e tem conhecimento. Palmer e Prichard estiveram entre os notáveis de sua profissão.”⁵⁰ Assim, Doyle apresenta Prichard em sua narrativa para comparar com a sua personagem assassina Roylott. Agora cabe analisar como criminosos como Edward William Pritchard são representados nas narrativas literárias.

49DOYLE, Arthur Conan. **As aventuras de Sherlock Holmes: edição bolso de luxo**. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2011

50DOYLE, Arthur Conan. **As aventuras de Sherlock Holmes: edição bolso de luxo**. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. p. 266

Capítulo 2

A literatura é um tipo de prática cultural que se relaciona com os costumes de uma época. O trabalho da literatura como fonte pode ser desempenhado sob inúmeros aspectos e desdobra numerosas possibilidades para os historiadores que têm como intenção utilizá-la. Esta pode atuar como fonte privilegiada para a História por conter questões relacionadas ao imaginário de uma época. Uma obra literária torna-se uma representação tanto de sua época quanto de seus leitores, visto que a sua recepção deve ser avaliada.

Faz-se importante destacar que a literatura enquanto fonte não representa o passado de acordo com a historiografia, afinal, esta não é uma inquietação do literato. Deve-se compreender que a Literatura é discurso, que os jornais e atas são discursos, cartas são discursos, crônicas assim como os contos são discursos. Escolher a literatura como fonte, e mais especificamente uma obra ou obras de um autor é uma iniciativa do pesquisador como uma opção analítica. O discurso literário não é redigido de forma alheia às tensões e conflitos sociais que estavam acontecendo em determinada época.

Sherlock Holmes é uma das personagens mais marcantes da história da literatura. Escolher um protagonista tão ilustre não apenas na literatura como um todo, mas também no gênero policial torna-se uma decisão conveniente para pensar a representação da criminalidade durante a chamada Era vitoriana.

2.1 – A literatura gótica

Para analisarmos as representações do crime e do grotesco na literatura europeia do século XIX recuaremos para a formação do gênero gótico. No ano de 1764 uma publicação surge: um manuscrito italiano encontrado em uma biblioteca chegou nas mãos de um tradutor inglês chamado William Marshal. Este documento carregava em suas linhas uma história aterradora ambientada em um castelo assombrado em tempos medievais. Repleta de horror a história foi traduzida para o inglês com o título *The Castle of Otranto: A Story* (esta obra pode ser considerada um marco inaugural da literatura gótica). Porém, a obra não havia sido trazida por Marshal, tampouco se tratava de uma obra perdida em algum lugar da Itália. Horace Walpole foi idealizador de toda esta história. Em um segundo prefácio, com o novo subtítulo *A Gothic Story*, o autor assumiu a autoria do texto.

No primeiro prefácio, escrito pelo suposto tradutor William Marshal, o público deveria encarar a obra como um exemplar excêntrico com um padrão mental que já havia sido

supostamente superado pela racionalidade iluminista. No mundo moderno, eventos sobrenaturais e superstições não teriam espaço nem ao menos nos romances. Neste contexto o gótico é apropriado, adequado ao ser tratado como algo ultrapassado. Assumir como válidos os fenômenos inabituais, como credices, sem levar em consideração que seria algo parte do passado poderia representar um risco aos atuais valores. Na obra de Walpole não encontramos uma preocupação em explicar os eventos sobrenaturais, o que seria diferente em uma obra posterior e decisiva na história da literatura moderna.

De acordo com autores como Fred Botting e H.P Lovecraft, a última década do século XVIII é apontada como ápice do romance gótico com obras como *The Mysteries of Udolpho*, de Ann Radcliffe. A primeira publicação desta obra foi em 1794 na Inglaterra. Ao fazer uma análise sobre *Udolpho*, é possível entrar em várias discussões acerca de seu conteúdo e elementos políticos e sociais. “Naturalmente um livro é muitas coisas: produtos manufaturados, obra de arte, mercadoria comercial e veículo de ideias. Assim, o seu estudo abrange vários campos, como história do trabalho, arte e negócios.”⁵¹ No entanto, o aspecto que mais nos interessa na obra de Radcliffe é o sobrenatural explicado.

Em *The Mysteries of Udolpho* a narrativa é construída sobre uma classe social específica a burguesia e seus modos de vida. Toda a história formada em torno da protagonista Mademoiselle Emily filha de um antigo senhor de terras Monsieur St. Aubert e Madame St. Aubert que moravam em um castelo na província de Gasconha no sudoeste da França em 1584.

“No ano de 1584, nos agradáveis bancos do rio Garona, na província de Gasconha, ficava o castelo de Monsieur St. Aubert. Das janelas, ao longo do rio, se avistava as elegres paisagens pastoris da Guiena e da Gasconha com seus bosques fechados, luxuosos vinheiros e plantações de azeitonas.”⁵²

Em sua obra, Radcliffe apresenta eventos sobrenaturais que são, na verdade, facilmente explicados com fatos simples e racionais. No decorrer da obra encontramos também pistas falsas entregues ao leitor, recurso que seria posteriormente consagrado pela literatura policial. As resoluções dos mistérios do castelo frustra, em muitos momentos, as expectativas dos leitores. Como supramencionado, as formas pretéritas deste gênero são relacionadas com regularidade ao medieval e ao bárbaro, narrativas que tinham com mais ênfase o sobrenatural com superstições em destaque, como em *O castelo de Otranto* que carrega em suas linhas o

51 DARTON, Robert. “Redes de comunicação”. In: *Os best-sellers proibidos da França pré-revolucionária*. São Paulo: Campanhia das Letras, 1998. p. 197.

52 RADCLIFF, Ann. *OS MISTÉRIOS DE UDOLPHO: Volume I*. Espíto Santo: Pedrazul, 2015. p. 9.

sobrenatural e crendices que guiam a obra. Os eventos presentes no romance de Walpole não tem explicação racional, o sobre-humano não é racionalizado diferentemente de *Udolpho* que nos apresenta um evento místico que será desmistificado em algum momento. O recurso do sobrenatural explicado pode ser considerado um elemento que faz dos romances góticos antecedentes históricos do romance policial moderno.

2.2 – Uma breve reflexão sobre o romance policial⁵³

No século XVIII a imprensa francesa procurou ao máximo ocultar da população o concreto crescimento da criminalidade nas ruas de Paris. No entanto, de acordo com Theodore Zeldin, o século seguinte relata um movimento distinto. A imprensa de Paris passa a noticiar de forma volumosa crimes como assaltos. Balzac relaciona o surgimento desse modelo de criminoso “profissional” ao surgimento do capitalismo aliado ao desemprego em ascensão.⁵⁴ A evolução do crime nas ruas, associado ao progresso da liberdade de imprensa, fez com que fosse impossível abafar ou eliminar este fato. Tanto a imprensa quanto os teatros populares passaram a lucrar munindo o interesse do público com histórias horripilantes sobre assassinatos, sejam elas reais ou fictícias.

“A crescente preocupação com o crime é mais bem exemplificada por Thomas De Quincey em *Do assassinato como uma das Belas Artes*, que surgiu em 1827 (com um pós-escrito acrescentado em 1854). (...) No ensaio de 1827, ele de fato insistiu nas delícias do assassinato, e da especulação sobre a descoberta de quem teria cometido o crime entre ‘amadores e diletantes’, abrindo desta forma o caminho para Edgar Allan Poe, Gaboriu e Conan Doyle. De Quincey também iniciou a ligação entre o jornalismo popular e a narrativa sobre o assassinato como o fariam Dickens, Poe, Conan Doyle e tantos outros autores de romances policiais, (...).”⁵⁵

Ernest Mandel ainda cita Erich Fromm:

“Milhões de pessoas ficam fascinadas com as reportagens sobre assassinatos e pelos romances policíacos. Correm aos cinemas para assistirem a filmes cujos dois temas principais são: o assassinato e o infortúnio. Este interesse e este fascínio não são apenas expressões de mau gosto e anseio pelo escândalo, mas correspondem a um profundo desejo pela dramatização da última instância da vida humana, isto é, a vida e a morte, através do crime e do castigo, da luta entre o homem com a natureza.”⁵⁶

53 Tópico inteiramente baseado na obra *Delícias do Crime: História social do romance policial* de Ernest Mandel.

MANDEL, Ernest. *Delícias do crime*. São Paulo, Busca Vida, 1988.

54MANDEL, Ernest. *Delícias do crime*. São Paulo, Busca Vida, 1988. p. 22.

55Ibidem, p. 23.

56Ibidem, p. 27.

O apetite do público por histórias sangrentas passadas em jornais já foi discutido no capítulo anterior, mas, nesse momento, é possível interligar o que ocorre tanto nas páginas jornalísticas quanto nas páginas literárias: o público deseja ler, ver, conhecer sobre esses infortúnios, dessa forma, a popularização destes temas e conseqüentemente destes produtos culturais. Erich Fromm aponta que a constante sensação de tédio e monotonia são manifestações de ansiedade e sugere duas saídas: se tornar produtivo e chegar à realização ou escapar destas manifestações. O romance policial seria uma dessas formas de alienação da realidade, afinal, de acordo com Mandel, não se lê romance policial com finalidade de aprimoramento intelectual ou reflexão, e sim, por diversão.

A hostilidade por parte população contra a polícia no século XIX era comum. Entre 1830 e 1848 iniciou-se uma revolta da classe trabalhadora em oposição a pobreza e a exploração capitalista. A violência destas rebeliões instituiu o medo na burguesia. Para conter essas revoltas era necessário um Estado mais forte e uma força que as reprimisse (as revoltas): uma força policial forte para patrulhar as camadas inferiores insatisfeitas e frequentemente descontentes, portanto, classes criminosas, sendo este, o ponto de vista da burguesia.

Louis Chevalier é citado por Mandel para falar sobre o que o crime desperta nas pessoas:

“O medo que vem do crime é constante, (...). Muito mais importante do que o medo do crime, porém, é o interesse do público por ele e tudo que lhe diz respeito. Além desses casos de terror e medo, entretanto, a curiosidade sobre o crime é uma das formas de cultura popular dessa época, como também das próprias ideias do povo, suas imagens e palavras, crenças, níveis de consciência e maneira de falar e de se comportar.”⁵⁷

Os policiais historicamente não são descendentes da nobreza ou da burguesia abastada, mas nas origens do romance policial o protagonista em geral era proveniente da classe alta, afinal, o grande investigador não poderia ser um simples policial. A partir disso vemos a razão da origem de personagens como Auguste Dupin e Sherlock Holmes, e Arsène Lupin. A ideia de “ser mais esperto” já causa um encanto e implica a existência de um criminoso que tenha, também, uma mente brilhante que deve ser superada. O principal apelo dos primeiros romances policiais não é o crime ou o assassinato, mas sim o enigma. O problema na trama é, sobretudo, analítico.

“Como o professor Dove enfatizou, o padrão clássico do romance policial é uma sequência de sete passos criada pela primeira vez por Poe e Conan Doyle: o

57MANDEL, Ernest. Delícias do crime. São Paulo, Busca Vida, 1988. p. 35.

problema, a solução inicial, a complicação, o estágio de confusão, as primeiras luzes, a solução e a explicação.”⁵⁸

O modelo ideal do romance policial propõe atingir essas metas sem utilizar truques baratos e comuns. As dicas devem instigar e surpreender o leitor.

Os crimes da rua Morgue, de Edgar Allan Poe, é considerado o primeiro romance policial, uma vez que o detetive da trama, Auguste Dupin, representa o modelo do detetive amador que utiliza a técnica analítica para solucionar o enigma. Cabe observar, também, que de acordo com Mandel a primeira vez que o termo “romance policial” (detective story) foi empregado foi em 1878 pela romancista Anna Katharina. Porém, o responsável pela popularização do gênero foi Arthur Conan Doyle, criador de Sherlock Holmes.

O que distingue os clássicos dos seus predecessores é o caráter profundamente convencional e formalizado das tramas, como afirma Mandel.⁵⁹ Há uma mudança na unidade de tempo, lugar e ação.

“O verdadeiro arcabouço temporal é o período durante o qual os suspeitos permanecem juntos e durante o qual o crime é cometido, embora acontecimentos passados possam fornecer a chave da motivação do criminoso.”⁶⁰

O homicida é um sujeito isolado, por mais que possa ter cúmplices e não faça parte de conspirações. Podemos citar, por exemplo, o Professor Moriarty, famoso rival de Sherlock Holmes. Normalmente há uma paixão ou impulso que motiva o crime: ganância, ciúme ou vingança, por exemplo. Ainda de acordo com Mandel:

“O caráter abstrato e racional da trama, o crime e o desmascaramento do assassino tornam o romance policial clássico, muito mais do que seus precursores, o auge da racionalidade burguesa dentro da literatura. A lógica formal reina acima de tudo.”⁶¹

Para se encaixar na unidade de tempo, lugar e ação, o romance policial clássico prioriza a sala de visitas e de campo inglesa no lugar das ruas revestidas por neblina. A morte coisificada e o mistério são os verdadeiros problemas do romance clássico. O mistério é uma causa singular que a racionalidade burguesa não consegue eliminar, como por exemplo, “o mistério das

58Ibidem. p. 37.

59MANDEL, Ernest. *Delícias do crime*. São Paulo, Busca Vida, 1988. p. 50.

60Ibidem. p. 50.

61Ibidem. p. 51

próprias origens, o mistério das próprias leis do movimento e, acima de tudo, o mistério da destinação final.”⁶²

Mandel cita Bouleau e Narcejac que reforçam que o medo está enraizado na ideologia do romance policial. A fixação com a morte vista como um acidente dá lugar ao apego com a morte brutal, portanto, a atração com o crime e o assassinato. Neste gênero literário, a morte não é tratada como algo a ser sentido ou como um destino comum dos homens, ou, até mesmo, como tragédia, a morte torna-se um enigma a ser resolvido. A morte é coisificada no romance policial.

2.3 – O ilustre Sherlock Holmes

Há quem acredite que Sherlock Holmes realmente existiu e morou no famoso endereço Baker Street. Todos conhecemos sua aparência, sabemos sua profissão e conhecemos inúmeros de seus atributos particulares. O homem alto, magro e de nariz adunco que usa um chapéu de feltro e uma pelerine é facilmente reconhecido nos quatro cantos do mundo. Suas aventuras foram descritas pelo seu fiel amigo dr. John H. Watson e suas peripécias foram encenadas no teatro, na televisão, no rádio e no cinema, sendo incorporado até mesmo em histórias em quadrinhos de editoras como a Marvel e seu introneto personagem Deadpool.

O afeto do público por Sherlock Holmes levou até mesmo diversos autores consagrados a tentarem recriar as fantásticas vivências desta personagem. Entre os autores podemos citar Neil Gaiman, Stephen King, Anthony Burgess, O. Henry e P.G. Wodehouse. Embora muitas pessoas não concordem com a afirmação de Watson de que Holmes é “o melhor e mais sábio dos homens”, muitos se consideram privilegiados por conhecerem a personagem e realmente o sentem como alguém que já esteve entre nós. Sherlock Holmes tornou-se um fenômeno, várias pessoas procuraram seu endereço na época em que suas histórias foram publicadas acreditando que realmente o encontrariam.

Mas, afinal, quem é Sherlock Holmes?⁶³ Sherlock Holmes nasceu no dia 6 de janeiro de 1854, na fazenda de Mycroft, nome de seu irmão mais velho (Mycroft Holmes), na região norte de Yorkshire. Seu primeiro caso foi solucionado aos vinte anos (caso intitulado *A tragédia do*

⁶²Ibidem. p. 53

⁶³ Linha do tempo escrita integralmente baseada na introdução escrita por Otto Penzler na edição **As novas aventuras de Sherlock Holmes** (título original **The Big Book of Scherlock Holmes: Stories**) da editora Nova Fronteira.

As novas aventuras de Sherlock Holmes, volume 1 / organização Otto Penzler ; tradução Maria Helena Rouanet, Celina Portocarrero. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

Gloria Scott, publicado posteriormente em uma coletânea chamada *As memórias de Sherlock Holmes*), quando ainda era um estudante em Oxford. Após se formar, veio a ser o primeiro detetive particular do mundo, ofício que exerceu por 23 anos.

Em janeiro de 1881, Holmes estava à procura de uma pessoa para dividir seu novo apartamento no endereço Baker Street, número 221B, quando um amigo lhe apresentou ao dr. John H. Watson (trajetória descrita no romance narrado por Watson intitulado *Um estudo em vermelho*). Antes de acordarem sobre a mudança os homens decidiram expor os seus defeitos. Holmes começou afirmando que “às vezes fico deprimido, e passo dias a fio sem abrir a boca.”⁶⁴ Confessou, ainda, que fuma o chamado tabaco de marinheiro além de suas experiências com produtos químicos que deixam um cheiro forte. No entanto, deixou de citar sua forte inclinação para a cocaína. Disse ainda, em um tom pesaroso, que gosta de arranhar o violino em momentos de contemplação e de calma. Já Watson declarou ter um filhote de cão fila, ser contra discussões pois seus nervos não suportam e uma tendência a se levantar da cama em horários incomuns, além da forte inclinação para a preguiça. Afirmou ainda, ter problemas de saúde, mas que estes estavam sob controle e os outros eram seus principais defeitos.

Tornaram-se amigos e Watson passou a registrar as curiosas aventuras de Holmes, que, muitas vezes, desgostoso com tais anotações indignava-se perante a narrativas tão melodramáticas e sensacionalistas, afinal, julgava que caso as situações viessem a ser publicadas o seu trabalho devia ser relatado com pura lógica e raciocínio dedutivo. Destaco aqui parte do diálogo entre Holmes e Watson ao debaterem sobre como suas jornadas eram descritas, nota-se o destaque que o detetive emprega no raciocínio dedutivo e na lógica:

“Para o homem que aprecia a arte pela arte (...) É agradável para mim observar, Watson, que você está tão imbuído desta verdade que, nesses pequenos registros de nossos casos teve a bondade de redigir – embelezando-os aqui e ali, sou obrigada a dizer –, deu destaque não tanto às muitas causas célebres e aos julgamentos sensacionais em que figurei, mas àqueles incidentes que podem ter sido triviais em si mesmo, mas deram lugar àquelas faculdades de dedução e de síntese lógica que transformei em meu domínio especial.’

‘Apesar disso’, respondi, sorrindo, ‘não posso me considerar inteiramente inocente da acusação de sensacionalismo que foi lançada contra meus registros.’

‘Você errou, talvez (...) ao tentar dar cor e vida a cada uma de suas frases, em vez de se ater à tarefa de registrar aquele raciocínio severo de causa para efeito que é realmente a única característica notável da coisa.(...) Se reivindico plena justiça para minha arte, é porque ela é algo de impessoal... algo além de mim mesmo. O crime é comum. A lógica é rara. Por isso mesmo, é sobre a lógica, não sobre o crime, que você

⁶⁴DOYLE, Arthur Conan. **Um estudo em vermelho: edição bolso de luxo**. Editora Zahar. Rio de Janeiro: Clássicos Zahar, 2012. p.21

deveria se alongar, Você amesquinhou o que deveria ter sido uma série de conferências num punhado de histórias.”⁶⁵

Holmes não apenas tem uma capacidade extraordinária de dedução, mas também possui um intelecto diferenciado. Entre seus conhecimentos, detalhados por Watson⁶⁶ encontramos: química (profundo), botânica (variável. Versado em ópio e venenos em geral. Desconhece sobre jardinagem prática), anatomia (preciso, mas assistemático) e literatura sensacionalista (imenso. Parece saber cada detalhe de cada horror perpetrado no século), além de outras áreas que abarcam seu conhecimento.

Sherlock Holmes publicou algumas obras importantes sobre temas conceituados: *Sobre a distinção entre as cinzas dos diversos tabacos*; *Um estudo da influência de um comércio sobre o formato da mão*; *Sobre os motetos polifônicos de Lasso*; *Estudo das raízes caldeias da língua arcaica da Cornualha* e *Manual prático de apicultura com algumas observações sobre a segregação da rainha*. *A arte da investigação*, um trabalho redigido em quatro volumes que ainda não foi publicado.

O detetive possui uma pequena e seleta biblioteca que é consultada quando precisa de alguma informação exata e não tem registrada em sua memória. Seu acervo é composto por obras de referência além de cadernos com informações precisas. Holmes se preocupa única e exclusivamente com informações que possam ajudá-lo no trabalho, ignorando, assim, o que considera supérfluo.

Holmes não conta unicamente com seu intelecto invejável, mas com considerável porte físico. É extremamente magro e parece ser mais alto do que é por conta de sua magreza: possui 1,82 m. Seu nariz adunco e olhos penetrantes são bem conhecidos. Watson relata como foi, diversas vezes, surpreendido com a força e agilidade do detetive, sendo um boxeador, espadachim e esgrimista formidável. Ao enfrentar seu arqui-inimigo (o professor James Moriarty) na Suíça precisou usar toda a sua força. Infelizmente os dois acabaram caindo e morrendo. Porém, em 1894, Holmes reapareceu. Na verdade, na queda à beira das Cataratas de Reichenbach, o detetive encontrou uma oportunidade de enganar seus inimigos assumindo a identidade de um explorador dinamarquês chamado Sigerson, assim, viajou pelo mundo.

Acredita-se que quando esteve em Nova Jersey teve um romance com Irene Adler (cantora lírica descrita por Watson na história *Escândalo na Boêmia*), que será eternamente A

65DOYLE, Arthur Conan. **As aventuras de Sherlock Holmes: edição bolso de luxo**. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. p. 377 e 378.

66DOYLE, Arthur Conan. **Um estudo em vermelho: edição bolso de luxo**. Editora Zahar. Rio de Janeiro: Clássicos Zahar, 2012. p.27 e 28.

mulher de Holmes. No Tibete aprendeu com Dalai Lama o segredo da longevidade. Após a morte da srta. Adler em 1903 chega a aposentadoria voluntária de Sherlock Holmes que passa a se dedicar à apicultura nas encostas de Sussex Downs com sua antiga governanta: sra. Martha Hudson.

Antes da Primeira Guerra Mundial abandona o seu retiro e após isso sabe-se pouco sobre a sua jornada. Além das personagens principais que passaram por sua vida, como Watson, Moriarty, Irene Adler, encontramos nos registros personagens secundárias que também são bem conhecidas: Billy, o mensageiro que anuncia em alguns momentos as chegadas em seu endereço; Mary Morstan, que vem a ser esposa do dr. John Watson; os Baker Street Irregulars, meninos de rua comandados por Wiggins que em troca de certa quantia conseguem informações para o detetive, estes foram importantes em inúmeros casos; Lestrade, um conhecido inspetor da Scotland Yard, que, como os leitores sabem, é bastante incompetente; o coronel Sebastian Moran, “o segundo homem mais perigoso de Londres”, além de outras personalidades.

A primeira história escrita sobre o detetive mais famoso de todos os tempos se intitula *Um estudo em vermelho*⁶⁷ e foi publicada no anuário londrino *Beeton's Christmas Annual* em 1887. No ano seguinte foi publicada em livro pela Ward, Lock & Company, de Londres. Nesta história Holmes é convocado pelo inspetor Tobias Gregson para contribuir nas investigações de um caso que Gregson define como grave. No endereço Lauriston Gardens, número 3, Enoch J. Drebbler, um norte-americano, foi assassinado e os policiais só possuem uma pista: “Rache”, uma palavra escrita em uma das paredes na cor vermelha. Inicialmente, os detetives pensam que esta se trata do nome Rachel incompleto. Após cuidadosa análise, descrita meticulosamente por Watson, Holmes anuncia que “Rache”, em sua concepção, seria “vingança” em alemão.

“‘Veneno’, respondeu Sherlock Holmes laconicamente e foi saindo. ‘Mais uma coisa Lestrade’, disse dando meia-volta junto à porta: ‘Rache é ‘vingança’ em alemão; por isso, não perca seu tempo procurando por Miss Rachel.’”⁶⁸

Stangerson, secretário particular da vítima, também é encontrado morto. “Rache” também é encontrada perto do corpo. Em seguida, um longo flashback envolvendo os mórmons é desenvolvido na trama.

67DOYLE, Arthur Conan. **Um estudo em vermelho: edição bolso de luxo**. Editora Zahar. Rio de Janeiro: Clássicos Zahar, 2012.

68DOYLE, Arthur Conan. **Um estudo em vermelho: edição bolso de luxo**. Editora Zahar. Rio de Janeiro: Clássicos Zahar, 2012. p. 53.

Em fevereiro de 1890, *O signo dos quatro*, saiu simultaneamente na Inglaterra e nos Estados Unidos na *Lippincott's Magazine*. Esta história foi uma encomenda de J.M. Stoddart, editor deste periódico literário norte-americano, da Filadélfia. Com tiragem limitada essa história foi a introdução de Holmes aos Estados Unidos. Mary Morstan (personagem já apresentada ao leitor deste trabalho), uma bela jovem que encanta Watson (e com quem vem a se casar), aparece no clássico endereço procurando por ajuda. A moça é filha de um capitão do Exército da Índia que desapareceu há dez anos. Quatro anos após o fatídico desaparecimento, Morstan recebe, anonimamente, uma pérola que passa a chegar em sua casa a cada ano. Holmes e Watson acompanham a moça até o singular Thaddeus Sholto, irmão gêmeo de Bartholomew Sholto e filho do major que foi o único amigo de seu pai em Londres. Holmes dispõe-se resolver este mistério e logo se vê envolvido aos estranhos personagens Jonathan Small e Tonga.

Escândalo na Boêmia saiu em julho de 1891 na *Strand Magazine*. Sua publicação em livro encaixou-se na coletânea. *As aventuras de Sherlock Holmes*, que foi lançada no ano seguinte. Este conto se torna peculiar por alguns fatos: Holmes não tem um crime para solucionar e entra em combate com uma dama. O caso é o seguinte: o rei da Boêmia envolveu-se em um caso com Irene Adler que ameaçou realizar um escândalo de proporções mundiais quando o rei a aterrorizou dizendo que a deixaria para se casar com uma nobre. Nesta linha, a tarefa de Holmes seria recuperar as fotos que provavam o caso entre o rei e Adler antes que ela fosse enviada à futura noiva de um membro da família real ou divulgada de alguma outra forma. Porém, o detetive acaba vencido por Irene Adler e nunca deixa de amá-la, a mulher que conseguiu enganar Sherlock Holmes.

Estas são algumas das histórias, do singular detetive, presentes no século XIX, período em que este trabalhado está situado. A personagem é tão viva e presente a ponto de criar empatia entre os leitores fazendo com que Arthur Conan Doyle o ressuscitasse para acalmar a revolta dos fãs que não aceitaram a morte de Holmes. Doyle com sua narrativa leve e recursos na escrita dá voz a esta personagem por meio das anotações de Watson que narra os acontecimentos. Watson vai, por meio das referências aos hábitos, escolha de traços e análise das características, narrando as ações, registrando diálogos e construindo o perfil da personagem principal que triunfa em primeiro plano, deixando, assim, o compromisso de registrar os passos para seu companheiro.⁶⁹ A narrativa de Conan Doyle exterioriza as características pessoais de Holmes, deixando que ele conte quais são seus defeitos e até mesmo, explicando o que pensa sobre as

⁶⁹NEBIAS, Marta Maria Rodriguez. Figurações da personagem detetivesca. *Letras de Hoje*, v. 52, p. 183-191, 2017. p. 186.

narrativas acerca dos casos em que atua e se opondo a comparações feitas com outros detetives da literatura, como August Dupin, de Edgar Allan Poe e Lecoq de Gaboriau:

“Sem dúvida você acha que está me elogiando ao me comparar com Dupin’, observou. ‘Em minha opinião, porém, Dupin era um sujeito muito inferior. Aquele truque de se intrometer nos pensamentos com um comentário oportuno depois de um quarto de hora de silêncio é por demais aparatoso e superficial. Ele tinha algum talento analítico, sem dúvida; mas não era de maneira alguma o fenômeno que Poe parecia imaginar.’ (...) ‘Lecoq era um pobre trapalhão’, disse num tom irritado; ‘só tinha uma qualidade, sua energia. Aquele livro me deixou realmente infeliz. A questão era como identificar um prisioneiro desconhecido. Eu poderia ter feito isso em vinte e quatro horas. Lecoq levou uns seis meses. Aquilo poderia ser usado como um manual para ensinar detetives o que evitar.’”⁷⁰

Há uma certa autonomia em relação a Watson que Holmes não possui: ele escolhe quais são os casos que serão narrados. Além disso, cabe destacar um ponto: Watson escolhe como estas histórias serão narradas por mais que a forma não satisfaça e seja incompatível com a visão de Holmes, como destacamos. Quem narra é o responsável por fornecer ao leitor a visualização e a materialização da personagem, que, como mencionado, é construído por meio da seleção de alguns pontos e recursos.⁷¹

Sherlock Holmes não poderia contar as suas próprias histórias, precisaria de um sujeito comum ao seu lado que o valorizasse por contraste. Uma personagem sem brilho que assim como os leitores se encantasse com os feitos do novo companheiro. A ideia do detetive e seu fiel camarada atuam como aspectos complementares e esta noção é tão intensa que não é possível dissociar a figura de Sherlock da de Watson⁷². Nesta configuração temos opostos: de um lado a genialidade e de outro a mediocridade, que inclusive, tenta aprender com a intelectualidade. É possível encontrar momentos em que Watson pratica a dedução e a observação, porém, não obtém sucesso ao receber o feedback de Holmes sobre suas percepções.

O primeiro texto envolvendo Holmes é publicado em 1897, *Jack, the Ripper*, surge, com o considerado primeiro caso, em 1888. Em 1873, dia 24 de março, Mary Ann Cotton caminhou até o cadafalso para ser enforcada. Em 1865 Edward William Pritchard foi enforcado em Glasgow. Entre 1887 e 1889 partes de corpos eram encontrados no rio Tâmsa: torsos, coxas, braços, pernas, pés, ombros, mas nenhuma cabeça. Apenas uma mulher foi identificada:

⁷⁰DOYLE, Arthur Conan. **Um estudo em vermelho: edição bolso de luxo**. Editora Zahar. Rio de Janeiro: Clássicos Zahar, 2012. p. 35 e 36.

⁷¹NEBIAS, Marta Maria Rodriguez. Figurações da personagem detetivesca. *Letras de Hoje*, v. 52, p. 183-191, 2017. p. 186.

⁷²NEBIAS, Marta Maria Rodriguez. Figurações da personagem detetivesca. *Letras de Hoje*, v. 52, p. 183-191, 2017. p. 186.

Elizabeth Jackson. Casos famosos, casos brutais. Estes estavam acontecendo enquanto Arthur Conan Doyle criava as histórias de Holmes. Nas páginas dos jornais muitas notícias brilhavam com seus desenhos chamativos e títulos sensacionais.

As representações de homicídios no *Illustrated Police News* tinham ilustrações sensacionalistas e textos que eram como os de outros jornais. Mas como assassinatos, sejam brutais ou não, eram representados nas narrativas de Conan Doyle?

2.4 – A caixa de papelão

“Ao escolher alguns casos típicos que ilustrem as notáveis qualidades mentais de meu amigo, Sherlock Holmes, tenho me esforçado, na medida do possível, por reproduzir aqueles que apresentem o mínimo de sensacionalismo, oferecendo ao mesmo tempo campo suficiente para seus talentos. Infelizmente, contudo, é impossível separar por completo o sensacionalismo do criminal, e o cronista se vê num dilema: deve sacrificar detalhes essenciais a seu relato, dando assim uma falsa impressão do problema, ou usar um material que o acaso, não a escolha, lhe proporcionou? Com este curto prefácio passo às minhas anotações do que se provou ser uma cadeia de acontecimentos estranha e particularmente terrível.”⁷³

Na coletânea de contos intitulada *As memórias de Sherlock Holmes*, encontramos um conto titulado *A caixa de papelão*. A citação acima é o começo de mais uma narrativa de Watson sobre alguma aventura junto a seu amigo Holmes. Esta, particularmente terrível, como ele mesmo diz, carrega um caso que veio a ser censurado até mesmo em algumas edições atuais de *As memórias de Sherlock Holmes*. Todas as edições utilizadas neste trabalho foram publicadas pelo grupo Companhia das Letras, selo clássicos Zahar. Esta edição não é censurada e tem em seu conteúdo as ilustrações da época.

⁷³DOYLE, Arthur Conan. **As memórias de Sherlock Holmes: edição bolso de luxo**. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 47.



(Sidney Paget (1860-1908) PD-life-70 – Sherlock Holmes examinando as evidências)

Este conto foi publicado pela primeira vez em janeiro de 1893 no periódico *Strand Magazine*. Em 1894, esta história foi omitida da versão de *As memórias de Sherlock Holmes* publicada no Reino Unido, no entanto, foi incluída na versão estadunidense. Posteriormente, viria a ser omitida em mais versões. A história, além de nos apresentar um crime particularmente perturbador, fala sobre adultério.

O conto começa com Holmes e Watson em seu apartamento na Baker Street, quando Holmes joga um jornal para Watson para que ele leia um parágrafo específico. A notícia intitulava-se “Um pacote horripilante”:

“Miss Susan Cushing, residente em Cross Street, em Croydon, foi vítima do que pode ser considerado uma brincadeira peculiarmente revoltante, a menos que algum significado sinistro venha a se provar associado ao incidente. Ontem, às duas horas da tarde, um pacote, embrulhado em papel marrom, foi entregue ali pelo carteiro. Dentro havia uma caixa de papelão cheia de sal grosso. Ao esvaziá-la, Miss Cushing encontrou, para seu horror, duas orelhas humanas, aparentemente cortadas havia muito pouco tempo. (...)”⁷⁴

Lestrade, o incompetente detetive da Scotland Yard, escreve para Holmes pedindo ajuda, mas, ele está certo de que foi apenas uma brincadeira de mau gosto empregada por algum estudante feita a partir de salas de dissecação. O que temos neste momento na narrativa é a descrição de partes humanas chegando na casa de uma senhora solteira de cinquenta anos por meio do serviço de entregas.

Holmes, então, partiu para a análise, no entanto, por mais que a narrativa de Conan Doyle seja leve, de aventura, ao analisar a narrativa de Watson, percebemos que a história fala sobre um crime grave e cabe observar como Holmes lida com a situação: de forma tranquila. Ele toca nas partes do corpo sem parecer sentir antipatia, repúdio, enjoo, o que nos rememora

⁷⁴Ibidem. p. 51 e 52.

um trecho da obra *Delícias do crime* de Ernest Mandel, em que ele afirma que “a morte no romance policial não é tratada como um destino dos homens ou uma tragédia, e sim como objeto de indagação. Não é vivida, sofrida, temida ou combatida, mas torna-se um cadáver a ser dissecado, algo a ser analisado. A coisificação da morte se encontra no âmago do romance policial.”⁷⁵

“Enquanto falava, pegou as duas orelhas e, pondo uma tábua sobre os joelhos, examinou-as minuciosamente. Lestrade e eu, debruçados um de cada lado dele, espiávamos alternadamente aquelas pavorosas relíquias e o rosto pensativo e ansioso de nosso companheiro. (...) Finalmente ele as devolveu à caixa e deixou-se ficar ali por algum tempo em profunda meditação. ‘Os senhores observaram, é claro’, disse por fim, ‘que as orelhas não são um par.’”⁷⁶

Com este anúncio deixa claro que o detetive pensa que mais de um assassinato foi cometido. Ao presenciar, tanto a cena quanto o discurso de Holmes, Watson expressa seu profundo pavor:

“Um arrepio me percorreu enquanto eu ouvia as palavras de meu companheiro e via a implacável gravidade que lhe endurecera os traços. Esse exame preliminar brutal parecia prenunciar um horror estranho e inexplicável por trás de tudo aquilo.”⁷⁷

Mesmo em uma narrativa de aventura o horror vitoriano está presente: assassinatos que se provam brutais no decorrer da narrativa, partes de corpos arrancadas e enviadas pelo meio de entrega da época. Algo semelhante ocorreu no caso do Estripador, que enviou partes de órgãos da vítima junto com uma carta para a casa de George Lusk, presidente do Comitê de Vigilância de Whitechapel. Claro que a forma que o crime ocorreu, suas motivações, e as razões para o envio foram distintas, mas ainda cabe a comparação do horror em arrancar partes de um corpo e embalar para viagem.

No mesmo conto encontramos um diálogo de completa violência, quando, o assassino, ameaça sua esposa. Mas, afinal, qual é a trama? De forma breve, a história é a seguinte: Susan Cushing, a senhora que recebeu o infeliz pacote, tem duas irmãs: Sarah e Mary, que é casada com um comissário de bordo chamado Jim Bronwer. Em determinado momento eles se mudam para Liverpool por conta do trabalho de Jim e Sarah os acompanha. No entanto, Sarah é conhecida pela sua natureza intrometida, e, por essa razão, voltou a morar com Susan quando deixou Mary e Jim.

⁷⁵MANDEL, Ernest. *Delícias do crime*. São Paulo, Busca Vida, 1988. p. 73.

⁷⁶DOYLE, Arthur Conan. *As memórias de Sherlock Holmes: edição bolso de luxo*. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 55 e 56.

⁷⁷Ibidem. p. 56.

Holmes e Watson fazem uma visita a Sarah Cushing, e, no caminho, Sherlock Holmes pede que um telegrama seja enviado. Ao chegar na residência encontra a mulher adoentada sem condições de recebê-los. Porém, o detetive não fica desapontado com o fato, na verdade, sente uma satisfação ao receber uma resposta do telegrama e informa a Lestrade qual a identidade do criminoso. Holmes, então, explica o que houve para Watson que já havia chegado à conclusão de que Jim Browner era o assassino. Uma das orelhas, de acordo com Holmes, seria de Mary Cushing e a outra de seu amante, e o destinatário do pacote era, na verdade, Sarah Cushing, não Susan. A encomenda foi equivocadamente enviada para a irmã errada pelo desconhecimento de Jim sobre o novo endereço de Sarah. Tudo o que Holmes precisou para desvendar o caso foi perceber a familiaridade entre a orelha decepada de Mary e Susan e o nó de marinheiro que estava em um barbante dentro da caixa. Jim se entrega imediatamente e confessa o crime.

Mary e Jim viviam felizes em seu casamento até Sarah começar a palpitar. Sarah estava apaixonada por Jim, que nunca correspondeu e também não contou para Mary, afinal, não queria causar um conflito entre as irmãs, mas, Sarah começa a virar Mary contra Jim levando-o a beber muito. Browner descobre que Mary estava encontrando um homem chamado Alex Fairbain, e, desde esse dia, passou a ameaçar enviar a orelha de Fairbain a Sarah. Quando a irmã maquiavélica volta para Londres, a paz parecia reinar novamente. No entanto, um dia Jim recebeu uma licença inesperada e ao retornar para casa encontra Mary com Fairbain novamente, seguindo-os até um lago, cometendo o crime e brutalizando os corpos em seguida.

O clássico horror assassino que permeia a Era vitoriana é expresso na obra, a mutilação do corpo e o choque da sociedade com tal feito. Jim, ainda nos relata parte do caso, demonstrando arrependimento e até mesmo surpresa com tamanha brutalidade:

“Meu Deus, será que algum dia esquecerei as caras que fizeram quando viram quem estava no barco que se aproximava deles? Ela gritou. Ele praguejou como um louco e investiu contra mim com um remo, pois deve ter visto a morte nos meus olhos. Esquivei-me e dei-lhe uma bengalada que lhe esmagou a cabeça como um ovo. Eu a teria poupado, talvez, apesar da minha loucura, mas ela o abraçou, bradou por ele, chamando-o de ‘Alec’. Um novo golpe e ela caiu deitada ao lado dele. Nesse momento eu estava como um fera selvagem que tivesse provado sangue. Se Sarah estivesse lá, juro, teria tido a mesma sorte que eles. Puxei minha faca e... bem, é isso!”⁷⁸

Essa brutalidade, esse ódio que causa raiva e permite que alguém brutalize o corpo de outro sujeito é encontrada no caso de Jack, o qual muitos especialistas dizem que a brutalidade desferida contra os corpos femininos viria de uma fúria incontrolável. Este é apenas um dos contos possíveis para analisar como os crimes brutais na vida real e também nas páginas dos

⁷⁸DOYLE, Arthur Conan. **As memórias de Sherlock Holmes: edição bolso de luxo**. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 77 e 78.

jornais, não deixaram de se expressar da mesma forma nas páginas literárias, mesmo com o mais famoso detetive em narrativas que não voltadas especificamente para a exploração do horror.

2.5 – O Polegar do Engenheiro

Em 1896 H.H. Holmes recebeu sua sentença de morte e foi enforcado na Filadélfia pouco antes de completar 35 anos de idade. Seu crime? Assassinatos em série. No entanto, ficou conhecido por cometer homicídios em um hotel pensado e construído para tornar ainda mais impiedosa as ações que viria a cometer. Durante a obra Holmes trocava os trabalhadores envolvidos, afinal, não poderia levantar suspeitas sobre o que estava sendo arquitetado. O prédio de três andares tinha o primeiro destinado a lojas e os outros eram quartos com cerca de trinta cômodos por andar. Muitos quartos tinham passagens secretas escondidas e armários camuflados além dos olhos mágicos para que Holmes observasse do lado de fora. Havia grandes poços que levavam ao porão onde o criminoso torturava, matava, dissecava e queimava as vítimas.

No porão havia uma câmara de tortura com mesas de operação que Holmes utilizava para retirar órgãos das vítimas ainda vivas (o criminoso já havia frequentado faculdade de medicina), além de um equipamento que esticava os corpos até se partirem. O forno foi um grande aliado de Holmes, afinal, muitos assassinos são capturados por não conseguirem esconder suas vítimas ou por deixar vestígios que os entreguem. Holmes não tinha esse problema.

Pensar em um lugar construído para que pessoas desavisadas fossem vítimas de assassinatos é algo incomum, mas aconteceu com H.H. Holmes nos Estados Unidos. No entanto, pensando em obras literárias, será possível encontrar uma trama que envolva uma ideia semelhante? Um horror arquitetado que se passe em um local em que haja desespero e perseguição? Sim. Há um conto nas obras de Arthur Conan Doyle envolvendo nosso já conhecido Sherlock Holmes que representa esse tipo de assassinato, ou, no caso do conto, tentativa de assassinato.

O conto está na coletânea *As aventuras de Sherlock Holmes*⁷⁹ e se intitula “O Polegar do Engenheiro”. Victor Hatherley, um engenheiro, teve seu polegar decepado em um ataque

⁷⁹DOYLE, Arthur Conan. **As aventuras de Sherlock Holmes: edição bolso de luxo**. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2011

assassino. Um homem alto e muito magro com sotaque alemão o contratou para consertar uma prensa hidráulica exigindo um sigilo rigoroso. O engenheiro é levado ao local em uma carruagem que não permitia que o homem visse o lado de fora. Ao chegar na casa e ficar sozinho por um instante, uma mulher se aproxima desesperada falando com sotaque alemão para que Hatherley saia logo da casa, no entanto, por precisar do dinheiro oferecido o engenheiro decide ficar na casa e resolve o problema da prensa hidráulica.

Ao perceber que o engenheiro sabia muito, o homem com sotaque alemão decide se livrar de Hatherley que é trancado dentro do local em que a prensa está e a máquina é ligada, no entanto, o engenheiro consegue escapar por uma das paredes da sala com a ajuda da mulher que foi identificada mais tarde como Elsie. Ao se pendurar no peitoril de uma janela para finalizar a fuga, o perseguidor desce um cutelo e decepa um dos polegares do engenheiro. Quando Holmes e Watson descobrem qual é o lugar e o encontram, já está em chamas. Holmes descobre que Elsie e outro homem moveram o corpo desacordado de Hatherley pois não estavam dispostos a participar do assassinato. Os criminosos nunca são presos.

O local descrito na obra é uma mansão que está envolta em questões financeiras e ninguém mais poderia saber, caso contrário, os planos seriam arruinados. O conto não nos leva a um assassinato consumado, porém, nos apresenta o pânico de quem se viu frente a frente com um assassino e toda a sua rota de fuga dentro da casa diante da morte brutal que o esperava. O diálogo a seguir introduz o horror inserido no conto, é um diálogo entre Watson e o engenheiro, começando com a vítima:

“ ‘Parecia um cutelo’, disse ele
‘Um acidente, presumo?’
‘Não, em absoluto.’
‘Quê? Um ataque assassino?’
‘Exatamente, e dos mais mortíferos.’
‘O senhor me aterroriza.’”⁸⁰

“De repente, sem que nenhum som anunciasse isso em meio à quietude absoluta, a porta da sala se abriu lentamente. A mulher postou-se no vão, a escuridão do corredor atrás de si, a luz amarela da minha lamparina batendo em seu rosto ansioso e belo. Pude ver de imediato que ela estava em pânico, o que congelou meu próprio coração. Ela levantou e sacudiu um dedo para me impor silêncio e dirigiu-me algumas palavras num inglês estropiado, voltando os olhos para trás, como um cavalo amedrontado, para perscrutar a escuridão atrás de si.”⁸¹

⁸⁰DOYLE, Arthur Conan. **As aventuras de Sherlock Holmes: edição bolso de luxo**. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. p. 278 e 279.

⁸¹Ibidem. p. 292.

O horror ronda toda a situação. Sabe-se, posteriormente, que a mulher sabia da tentativa de assassinato, visto que ninguém poderia ir ao local realizar um serviço e sair vivo. A casa se torna um ambiente de perseguição e ameaça, no entanto, por realmente estar financeiramente dependente da situação, o homem segue em frente, por mais que ele saiba que aquele local é perigoso. Na história, o ápice do horror chega no momento em que o engenheiro termina o serviço e vê-se preso dentro da máquina, dessa forma, ele relata:

“ ‘Muito bem’, disse, ‘o senhor saberá tudo sobre a máquina.’ Deu um passo atrás, bateu a portinha e girou a chave na fechadura. Corri para ele e puxei o trinco, mas estava bem trancada e não cedeu um milímetro a meus chutes e empurrões. ‘Ei!’ gritei. ‘Ei! Coronel! Deixe-me sair!’

Foi então que de repente, no silêncio, ouvi um som que me fez sentir o coração na boca. Era o tinido das alavancas e o zumbido do cilindro que estava vazando. (...) Joguei-me, aos gritos, contra a porta e arranhei a fechadura. Implorei ao coronel que me deixasse sair, mas o clangor sem remoroso das alavancas abafava meus gritos.”⁸²

A angustia, a perseguição e a vítima implorando pela vida é algo que chama a atenção neste conto. Mesmo com toda a ameaça ele consegue fugir e em grande parte pela ajuda de pessoas que posteriormente movem seu corpo adormecido para longe do perigo, pois, conscientemente ele teria, provavelmente, sido realmente assassinado por conta da sua condição física que havia sido atacada e sua falta de localização.

“Enquanto ela falava, apareceu uma luz na outra ponta do corredor, e vi a figura seca do coronel Lysander Stark correr em nossa direção com uma lanterna em uma das mãos e uma arma parecida com um cutelo de açougueiro na outra. Atravessei o quarto correndo, escancarei a janela e olhei para fora. (...) Trepei no parapeito, mas hesitei em saltar até ouvir o que se passaria entre minha salvadora e o facínora que me perseguia. Se ele fosse violento com ela, eu estava decidido a correr em sua ajuda, fosse qual fosse o risco. (...) Jogou-a para um lado e, correndo até a janela, golpeou-me com sua pesada arma.”⁸³

Este conto é muitas vezes deixado de lado, pois, Holmes não tem um grande mistério para resolver. O detetive nem é procurado. Na parte inicial, o engenheiro vai até o endereço procurando por Watson que por ser médico foi indicado para cuidar do grave ferimento. Watson, insiste para que o homem conte a Holmes sua história e a partir disso o detetive trabalha para descobrir qual é o local e quem eram aquelas pessoas, ou seja, o grande destaque na história é

82DOYLE, Arthur Conan. **As aventuras de Sherlock Holmes: edição bolso de luxo**. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. p. 295 e 296.

83Ibidem. p. 297 e 298.

o horror sofrido pelo engenheiro, a iminência do assassinato, a qualquer momento algo poderia lhe acontecer e ele sabia disso, porém, não toma as medidas necessárias para que isso deixe de lhe perturbar.

A sociedade vitoriana com seus famosos assassinos experimentou isso em muitos momentos, afinal, a qualquer momento uma moça indefesa poderia ser a próxima vítima estampada no *Illustrated Police News*.

CONCLUSÃO

Neste trabalho, procurou-se analisar as representações do assassinato, em sua forma narrativa literária e jornalística, nas páginas do *The Illustrated Police News* e nos contos escritos por Arthur Conan Doyle, com a personagem Sherlock Holmes. Escolheu-se o *Illustrated Police News* pela sua popularidade aliada ao seu caráter sensacionalista. Sherlock Holmes tornou-se uma opção promissora pela variedade de crimes presentes em seus contos, portanto, diversas histórias com possibilidades de assassinatos diferentes, além, claro, da sua popularidade.

No primeiro capítulo, analisamos três casos envolvendo assassinos em série para compreender como estes foram representados nas páginas do *Illustrated Police News*. Para isto, selecionamos um dos mais famosos casos da história, Jack, the Ripper, Mary Ann Cotton e os assassinatos que envolvem partes de corpos surgindo no Tâmesa, aliando-o ao caso de Jack. Um dos primeiros aspectos discutidos sobre o IPN foi o caráter sensacionalista e como se configura este tipo de narrativa, observando, então, que o sensacionalismo proveniente do periódico fala mais sobre as gravuras e menos sobre o texto, evidenciando este aspecto ao comparar textos sobre o mesmo caso em diferentes jornais.

Um panorama histórico sobre o assassinato em série foi desenvolvido para compreendermos, por exemplo, que Jack não foi o primeiro assassino em série. A nova configuração da experiência advinda da modernidade foi abordada para discutir o bombardeio de estímulos perpetrados cotidianamente contra os indivíduos e como a imprensa ilustrada oferece um registro próprio sobre a fixação da cultura aos estímulos sensoriais.

Concluiu-se desta análise que o *Illustrated Police News* não trouxe uma narrativa textual sensacionalista sobre os casos selecionados, o que não se pode dizer sobre as ilustrações presentes. O sensacionalismo na redação pôde ser encontrado em outros jornais, que no caso de Mary Ann Cotton, por exemplo, reforçaram o quão impiedosos foram os crimes com uma escolha apelativa de palavras. A mudança no tom empregado entre os casos de Mary Ann Cotton

e o Estripador tornam-se evidentes no IPN ao encontrarmos mais detalhes e uma preocupação que passa a assombrar os ingleses sobre quem seria a próxima vítima.

Há também uma modulação dramática na escrita ao relatar como o policial encontrou Mary Ann Nicholls, algo que não encontramos ao discorrer sobre as vítimas de Mary Ann Cotton. O último caso a ser pensado é também de um assassino anônimo que atuou antes, durante e depois dos casos canônicos de Jack, no entanto, por conta da brutalidade de Jack perpetrada contra os corpos, este crime passou a ser cogitado como uma de suas atuações. O caso nos interessa por mostrar como Jack foi fixado em uma posição que o torna um mito, um sujeito inalcançável..

A obra de Conan Doyle com a sua narrativa leve voltada para aventura não deixou de apreender o horror presente em seu tempo. No segundo capítulo contou-se a história de Sherlock Holmes após refletirmos brevemente sobre o romance policial e discutirmos o sobrenatural explicado presente no romance gótico, elemento que o torna um possível antecedente histórico do romance policial moderno.

O primeiro conto analisado foi “A caixa de papelão”. Definido por Watson como uma cadeia de acontecimentos estranhos e singularmente terríveis, este conto nos fala sobre brutalidade perpetrada contra corpos, levando ao assassinato e a mutilação, assim como mostra o horror de enviar partes desses corpos pelo serviço de entrega, apavorando uma senhora e tornando-se notícia nos jornais, além de mostrar a incompetência da força policial em descobrir o crime sem a ajuda de Holmes.

O segundo conto foi “O Polegar do engenheiro”. Este conto, tal qual as narrativas jornalísticas, expressa a angústia pelo medo da morte que persegue, do lugar sombrio, macabro e que a todo momento nos avisa que algo que não pode ser evitado acontecerá. A captura deste horror vitoriano na narrativa torna este conto um representante importante nesta análise, por mais que a morte não tenha sido concretizada. A ansiedade expressa nas narrativas jornalísticas como, no caso de Jack, é semelhantemente encontrada neste conto.

Os vitorianos desenvolveram uma cultura voltada para a violência expressa nos produtos culturais analisados. No início do século XIX as execuções públicas eram praticamente eventos para se levar a família e encontrar os amigos. Em 1868 quando esse tipo de condenação foi proibida o prazer advindo desses momentos foi revertido para histórias com base em crimes, morte e tortura. Com a alfabetização em massa e o crescimento do mercado editorial, questões como o crime e a morte se transformaram em produto editorial na Inglaterra vitoriana, e é este o ponto que une os jornais e a literatura. Narrativas que retratam o crime e a morte tornam-se populares. Ainda existem inúmeros aspectos e perspectivas a serem pensadas por meio de

pesquisas sobre as representações do assassinato e também da morte, elemento que não foi foco de análise neste trabalho. A morte, de ordem natural ou sobrenatural, na literatura e nos jornais da Inglaterra vitoriana era uma realidade, e aliada aos assassinatos torna-se um constituinte primordial para aprofundarmos no horror como um elemento cultural.

REFERÊNCIAS

BORZUK, Cristiane Souza., LITERATURA E CRIME: NOTAS SOBRE A CULTURA EUROPEIA NOVECENTISTA. **Revista escrita HISTÓRIA: Revista do Curso de Letras da UNIABEU**, v. 12, n. 1, p. 274-282, 2021.

BOTTING, Fred. *Gothic*. Routledge, 1996.

BUFALARI, F. M. **O romance de sensação**: Um estudo sobre *The Woman in White*.

CASA NOVA, Vera (org.) **Literatura brasileira e crime**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2008.

CASOY, Ilana. **Arquivos serial killers: Louco ou cruel? E Made in Brazil**. Rio de Janeiro: Darkside Books, 2017.

CLARK, Kate; OLDRIDGE, M. W.; BELL, Neill R.A.; BOND, Trevor. **Crimes Vitorianos Macabros**. Darkside Books. Rio de Janeiro. 2021

DARTON, Robert. “Redes de comunicação”. In: *Os best-sellers proibidos da França pré-revolucionária*. São Paulo: Campanhia das Letras, 1998.

DOYLE, Arthur Conan. **As aventuras de Sherlock Holmes: edição bolso de luxo**. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2011

DOYLE, Arthur Conan. **As memórias de Sherlock Holmes: edição bolso de luxo**. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2014

DOYLE, Arthur Conan. **O signo dos quatro: edição bolso de luxo**. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2015

DOYLE, Arthur Conan. **Um estudo em vermelho: edição bolso de luxo**. Editora Zahar. Rio de Janeiro: Clássicos Zahar, 2012.

ESTEVES, Lainister de Oliveira. A racionalidade da imaginação no romance gótico. In: Org. Charbel, Felipe; DE GUSMÃO, Henrique Buarque; MELLO, Luiza Laranjeira da Silva. *As formas do romance: um estudo sobre a historicidade da literatura*. 1. ed. Rio de Janeiro: Ponteio, 2016, 219-238.

Georg Simmel, “The Metropolis And Mental Life”, em Kurt H. Wolff, *Sociology of George Simmel*, Nova York, Free Press, 1950, p.410.

LE FANU, J. Sheridan. **Carmilla- A Vampira de Karnstein**. EDITORA PANDORGA, 2021.

LIMA, Amanda Ribeiro Mafra. *A envenenadora: crime e gênero na literatura popular no Rio de Janeiro (início do século XX)*. **Revista Aedos**, v. 10, n. 22, p. 184-198, 2018.

LOVECRAFT, H.P.; tradução Celso. M. Paciornik. *O Horror Sobrenatural em Literatura*. 2ª edição - São Paulo: Iluminuras, 2020.

MANDEL, Ernest. **Delícias do crime**. São Paulo, Busca Vida, 1988.

MOORE, Alan. **Do Inferno**. São Paulo: Editora Veneta, 2014, 1ª ed.

NEBIAS, Marta Maria Rodriguez. Figurações da personagem detetivesca. *Letras de Hoje*, v. 52, p. 183-191, 2017.

PEDROSO, Rosa Nívea. *A construção do discurso de sedução em um jornal sensacionalista*. São Paulo: Annablume, 2001.

PENZLER, Otto (org.) **As novas aventuras de Sherlock Holmes**, volume 1 / tradução Marua Helena Rouanet, Celina Portocarrero. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

POE, Edgar Allan. **Auguste Dupin: o Primeiro Detetive**. Grupo Novo Século. São Paulo. 2019, 1º ed.

PORTO, Ana Gomes. *Novelas sangrentas: literatura de crime no Brasil (1870-1920)*. (2009).

PORTO, Ana Gomes. *Confecionando ficções criminais: os arquivos e a literatura de crime*. *História social*, n. 22/23, p. 143-163, 2012.

RADCLIFF, Ann. **OS MISTÉRIOS DE UDOLPHO: Volume I**. Espíto Santo: Pedrazul, 2015.

SCHECHTER, Harold. **Serial Killers – Anatomia da Mal: Entre na Mente dos Psicopatas**. Darkside books. Rio de Janeiro: Crime Scene, 2013.

SINGER, Ben. Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular. In CHARNEY, Leo e SCHWARTZ, Vanessa. **O cinema e a invenção da vida moderna**. São Paulo: Cosac & Naify, 2001. pp115-148.

Smalley, Alice (2017). *Representations of Crime, Justice, and Punishment in the Popular Press: A Study of the Illustrated Police News, 1864-1938*. PhD thesis. The Open University.

STRATMANN, Linda. **The Illustrated Police News: The Shocks, Scandals & Sensations of the Week 1864-1938**. Londres: British Library, 5 dezembro 2019.

STOKER, Bram. **Drácula**. Darkside Entretenimento LTDA, 2018.

TELFER, Tori. **Lady Killers: Assassinas em Série: As mulheres mais letais da história**. Darkside Books. Rio de Janeiro, 2019.

WALPOLE, Horace. **O castelo de Otranto**. Tradução de Oscar Nestarez. Barueri, SP: Novo Século Editora, 2019.